

Revista comemorativa do jubileu de formatura dos pioneiros do ensino secundário de Londrina

Londrina — 1944 — 1994

REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE

ORGÃO DO GRÊMIO LÍTERO - ESPORTIVO "RUI BARBOSA"

Diretores:
Dr. Rui Ferraz de Carvalho
Prof. Moacir Teixeira

Redatores
Izaurino Gomes Patriota
Pedro de Faria Junior

NUM. 1

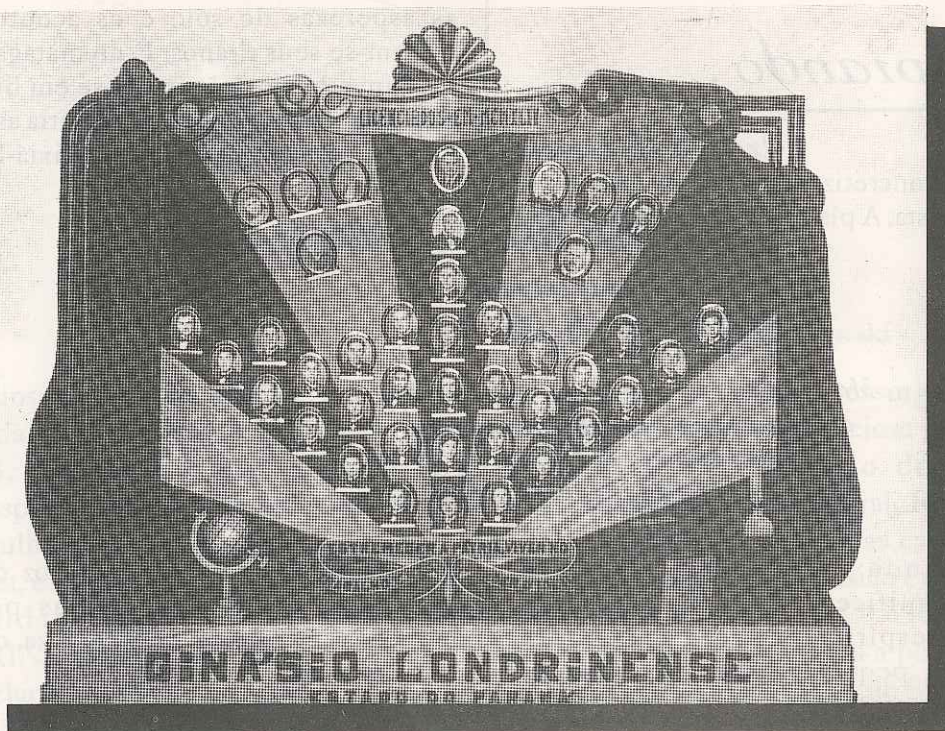
Londrina, Junho de 1943

ANO I

*"Eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra ame e a minha gente"*



José Bonifácio de Andrada e Silva



UM PUNHADO DE HERÓIS

Prof. Alcides Vitor de Carvalho

Londrina faz sessenta, e a primeira turma de formandos do Colégio Londrinense completa cinquenta anos.

Um punhado de heróis. Eles atravessaram meio século e não perderam os laços de amizade, aquela mesma união que os irmanava em 1944.

Quando nos procuraram pela primeira vez, na Secretaria da Cultura, a animação foi tão grande, o entusiasmo tão contagiante que ali mesmo começaram os planos de reunir todos os formandos numa festa de comemoração do cinquentenário. Ali também nasceu o sonho de reocupar culturalmente aquela área do antigo Colégio Londrinense.

O antigo e tão conservado prédio do Colégio, aquele marco da cultura e do ensino de Londrina que foi ao chão, assim como muitos outros monumentos da história de nossa cidade, para ali se erguer um super-mercado. Destruição, aliás, inútil. o mato ali hoje medra "como uma esfinge colossal de pedra" sepultando milhares de lembranças e cercando o esqueleto do soberbo colossinho.

Este punhado de heróis, no entanto, se reúne de todas as partes do país e de suas lembranças, palavras, cantos, poemas, surge um passado vivo, animado e cheio de humanidade. Para marcar esta data na memória de todos, resolvem publicar uma revista e trazer a público um pouco da grandeza de um passado que o presente já não sabe.

A Prefeitura Municipal de Londrina, através da Secretaria da Cultura, parabeniza a idéia e agradece, em nome da cidade, a este grupo de formandos tão ilustres, assim como a todos que estão colaborando para ressuscitar a memória de nossa cidade.

Esta publicação é um marco na história do Ginásio Londrinense e uma referência para as próximas gerações.

Prof. Alcides Vitor de Carvalho

Secretário Municipal da Cultura

Principiando ...

Izaurino G. Patriota

Um sonho concretizado ... ainda trêmulo e débil, é esta revista. A planta quando nasce, frágil,

*"Pode bem ser a folha pequenina
de uma efêmera planta delicada
de uma planta franzina.*

*Mas pode ser que o tempo, pouco a pouco
do que é hoje um tentamen quase louco
faça uma árvore enorme
dessas cujos galhos sempre há ninhos".*

Hoje surgindo pequenina... amanhã grandiosa, magnificente! Em suas páginas refleti-se-á o espírito buliçoso e ativo do ginásiano. Uma pequena árvore, de pequena estrutura, que verga os seus galhos sob o peso

as asperezas do sólo e os açoutos do vento tornam-se seus tiranos. É no matagal espesso da luta um arbusto debatendo-se em busca de vida, pequenino arbusto que luta contra as vicissitudes que lhe querem tirar o sol e asfixiá-lo.

demasiado de seus frutos. A voz do ginásiano ecoará pelo labirinto destas páginas, ora melodiosa e embriagada de beleza, ora arrogante e impetuosa...

*"Mas há de ser a folha limpa e mansa
sobre a qual corre a pena,
ora calma e serena,
ora cheia de cólera irritada,
mas sempre firme, sempre honesta e franca!"*

Suas páginas serão o altar de onde subirão preces envoltas em balsâmico fumo. Serão uma tribuna quando nelas gravarmos a voz de nossos corações defendendo os princípios sagrados da Pátria.

Serão um cadafalso quando, num protesto justo, rasgarmos o véu infamante de injustiças, clamando por justo direito.

*"...há de ser a folha de uma espada
não uma espada bruta,
brandida pela fúria dos interesses
mas a espada que luta
por tudo que merece
ser defendido, altiva e nobremente."*

Caros leitores, não caustiquem suas páginas com senso crítico impiedoso. Simplesmente começamos e todo começo é imperfeito...

O tempo nos dará lições bastantes: é errando que se aprende. Que seja julgada! Os maldosos

enlameiem-na e os sensatos aconselhem-nos. Mas seja qual for a sua sorte, de sua atalaia um facho de luz cortará o espaço. Pois é no oceano marulhento da nossa vida estudantina uma ilha onde splende o inapagável farol da esperança!...

Transcrito da Revista do Ginásio Londrinense número 1 Izaurino G. Patriota foi eleito orador da 1ª diretoria do GLRB - Gremio Litero Esportivo "Rui Barbosa".

ABRINDO A NOSSA REVISTA

Dorothea Passos Nieweglowski

Valiosa esta única edição. É como se, por um momento, fora o ressurgimento, o resgatar da cultura, o fecho de ouro de nossa modesta, pequena, mas preciosa revista do GLERB, "REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE" - Órgão do Grêmio Littero-Esportivo "Rui Barbosa", editada quando de nossa formação ginásial. Relemo-las hoje, orgulhosamente, e nos perguntamos: fomos nós adolescentes quem as escreveu?

Esta, em outros moldes, revigorada pelo conteúdo que a própria ocasião exige e pela sensibilidade e interesse dos Senhores DIRETORES DO COLÉGIO LONDRINENSE, DO INSTITUTO FILADÉLFIA, que a editam para a posteridade, vem revelar sobretudo este acontecimento do nosso pioneirismo da Educação Secundária, em Londrina.

E aqui, é preciso que se diga, insere-se o repetitivo a que chamamos lugar comum. O que se segue estará em outras destas páginas, porém, o meu "ego" exige que o faça: a inesgotável gratidão à família FARIA CASTRO, fazendo parte dela nosso querido, sempre lembrado Dr. Rui Ferraz de Carvalho, insigne família, obreira e ancoradouro na sementeira da Educação. Também enaltecer, nesta edição, o persistente trabalho de todos nossos colegas residentes em Londrina, sobretudo nas pessoas de Kilda P. Gimenez, Paulina C. Silveira, Dulce Bonalumi, Celma A. Reis e Silvandira F. de Almeida. Estes não permitiram que as distâncias geográficas, as tarefas profissionais e mil outros entraves da vida, os enferrujassem no comodismo do esquecimento de nosso querido Ginásio Londrinense e inesquecível Londrina de então. Estes colegas têm-nos feito perceber, nos encontros anuais, o lado de dentro da vida, emprestando, nestes cinquenta anos, a sua perseverança, o que torna mais alegre, bondoso, belo e profundo os seus corações, não permitindo que o elo de nosso convívio fraterno se rompesse.

Hoje, talvez pelo imperativo das circunstâncias, os relacionamentos são reduzidos, as amizades fazem-se distantes, inatingíveis, sem uma face. Não são duradouras, não criam raízes, nem profundidade.

Li, certa vez, o que nós pioneiros da Educação Secundária de Londrina podemos repetir: "A distância apaga o superficial, mas não destrói o que criou raízes".

Dorothea Passos Nieweglowski, da "Turma Pioneira".
Formada em Odontologia e Línguas. Reside em Curitiba.

A NOSSA REVISTA

Paulina de Oliveira César - 3ª série

(Este pequeno artigo, publicado na "REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE" - nº 1, vai aqui transcrito, pelo seu caráter histórico. Aquela que o assina, sente-se orgulhosa de, hoje poder novamente reescrevê-lo nesta nossa "REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE" 50 anos depois).

Nasceu de uma simples sugestão. De uma feliz sugestão que foi crescendo, se propagando no meio estudantil, até que se tornou um ideal comum.

E temos alimentado com tanto carinho esse ideal, que vendo-o hoje concretizado na publicação do primeiro número da nossa Revista, sentimos-nos possuídos de intenso júbilo, felizes como aqueles que experimentam o sabor de uma vitória. Queremos lembrar nesta coluna, o nome querido e simpático do Prof. Clairmont Orlando Gomes. Foi ele quem, com seu elevado e sadio otimismo, acendeu em nosso meio a tocha desse grande empreendimento, fazendo-nos sentir a necessidade de possuímos um jornal ou uma revista, que refletisse lá fora o valor do nosso trabalho e das nossas iniciativas.

Três anos são passados que iniciamos nossa campanha. Lutamos, mas vencemos, como sempre acontece quando lutamos por uma finalidade elevada. E por isso, também sabemos que a nossa Revista vencerá. Já surgiu triunfante, refletindo o entusiasmo dos estudantes. Sabemos que vencerá, porque contamos com o apoio do nosso dedicado Diretor, Dr. Rui Ferraz de Carvalho que, com inteligência e larga visão, sabe cooperar com seus alunos nas nobres iniciativas.

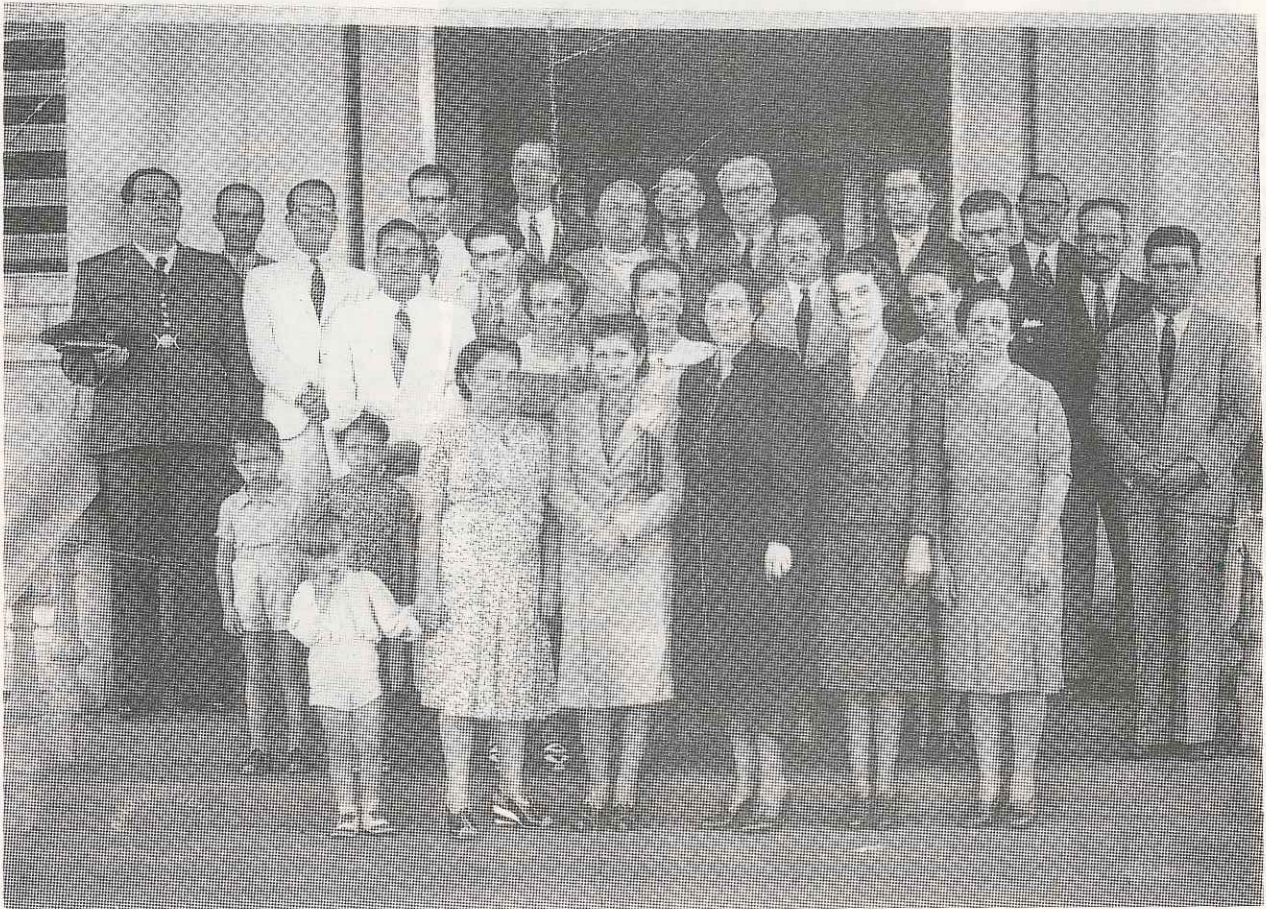
Venceremos, porque contamos com o auxílio eficiente dos nossos prezados professores.

Que esta Revista seja pois, de vida produtiva e feliz. Seja ela o porta-voz das nossas idéias, do nosso saber, como um testemunho fiel de que cooperamos para a grandeza do nosso caro Brasil.

Nota: (Relendo hoje, estas minhas palavras, comungo com minha colega Dorothea Passos, no seu trabalho ora publicado, quando diz: "fomos nós adolescentes, quem as escreveu"?)

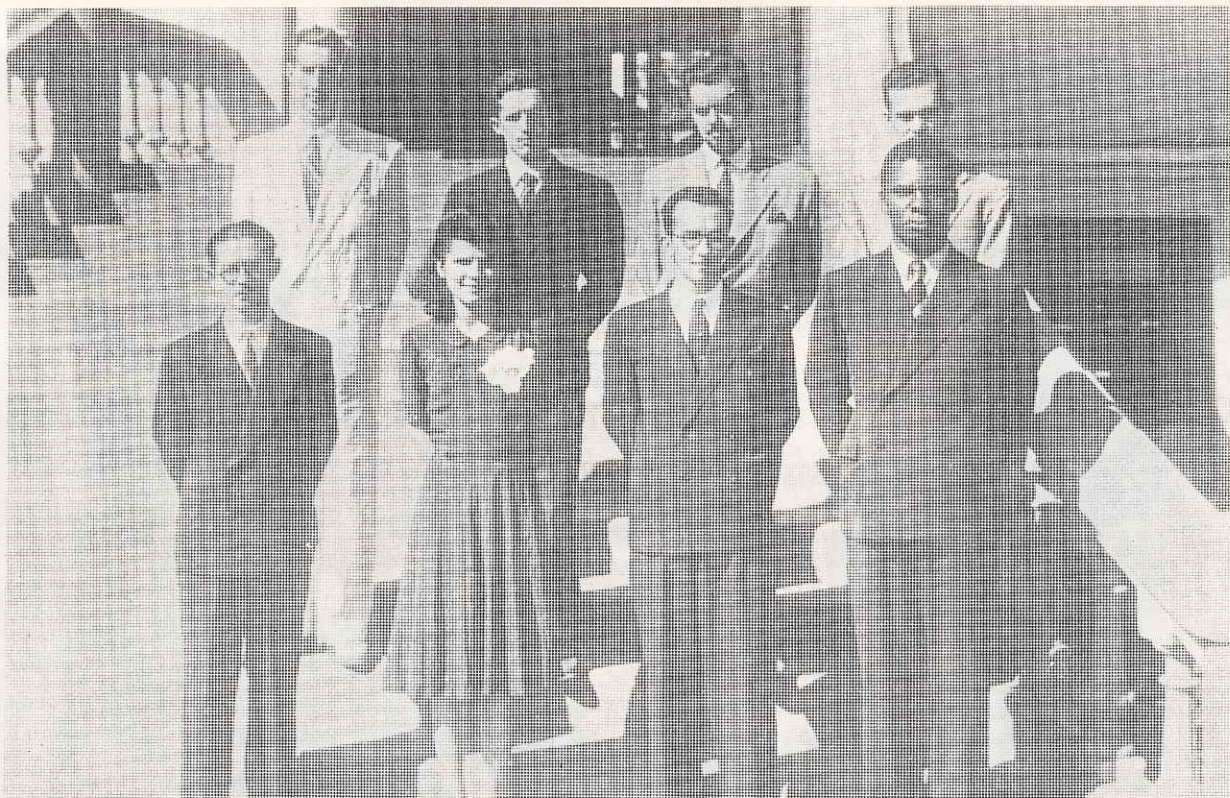
"Encontrar-se de novo, depois de momentos ou de vidas, é certo para os que são amigos"

Ano 1939



Inauguração do prédio do Ginásio Londrinense, vendo-se o fundador Jonas de Faria Castro, sua esposa D. Francisca Hoskem de Faria Castro, o diretor Dr. Rui Ferraz de Carvalho e esposa, D. Helena F. Castro Carvalho.

Homenagem aos professores

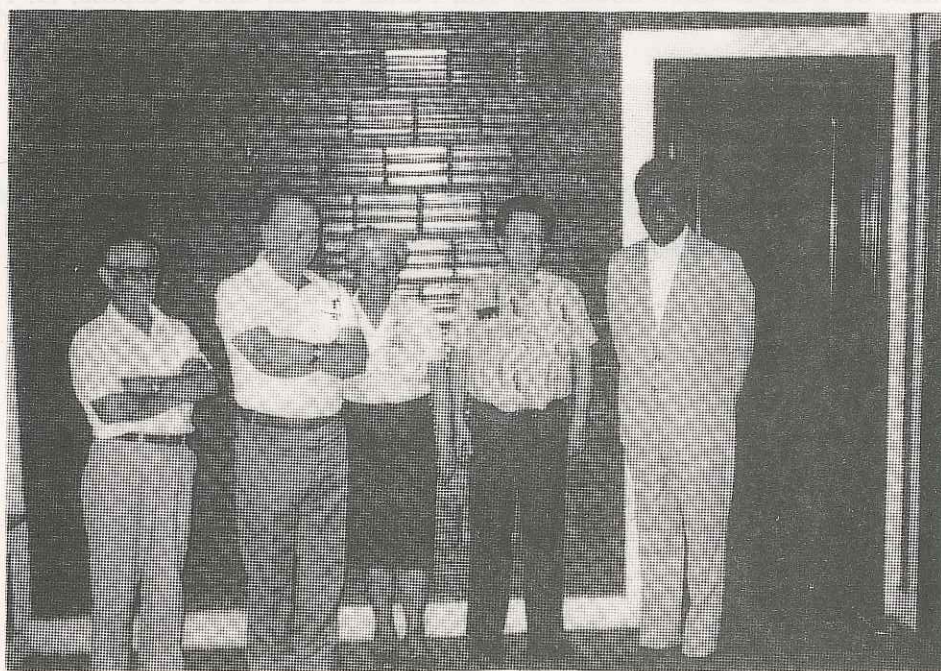


Professores do Ginásio - Ano de 1944

1º plano: Antonio Martins Corrêa, Ruth de Múzzio, Moacyr Teixeira, Dr. Justiniano Clímaco da Silva.

2º plano: Raul Ribeiro, Vitorino Gonçalves Dias, Dr. Jonas de F. Castro Filho e Rui Ferraz de Carvalho.

Alguns professores - 40 anos depois



Da esquerda para a direita: Antônio Martins Corrêa, Rui Ferraz de Carvalho, Ruth de Múzzio, Otávio Santos e Justiniano Clímaco da Silva.

AOS MESTRES COM CARINHO

Dorothea Passos Nieweglowski e Paulina César Silveira

Queridos ex-Mestres, primeiros professores do "Ginásio Londrinense", Pioneiros do Magistério Secundário de Londrina.

Nesta "Revista", comemorativa do "Cinquentenário de Formatura dos alunos componentes da "Turma Pioneira" daquele Educandário, queremos prestar-lhes justa homenagem recordando em rápidas pinceladas, alguns traços da personalidade de cada um. Aquele perfil de cada um que jamais se apagou de nossa memória! Ao fazê-lo, queremos reafirma-lhes que, para nós, para cada um de nós, vocês foram e são ainda, os melhores Mestres do mundo!

DR. RUI, nosso Diretor e professor de português. Sempre o exemplo da autoridade e da austeridade no cumprimento do dever. Assim o respeitávamos, respeito que hoje se confunde com uma enorme admiração. Quantos calafrios nos despertavam seu olhar que via tudo... pressentia tudo. Passos silenciosos nos corredores que nos aterravam até à raiz dos cabelos. Sabíamos, porém, que a sua bondade e o profundo sentimento de justiça, eram maiores que tudo. Por isso, vivíamos tranqüilos à sua sombra. E as aulas de português? A matéria era difícil mas, o seu método de ensinar, levou-nos a aprender muito bem e, foi através dessas aulas que o senhor transmitiu-nos as lições de civismo, honradez e patriotismo, levando-nos a comungar da sua filosofia de vida: "VIVER NO TRABALHO, ESTREMECER A PÁTRIA E NÃO PERDER O IDEAL".

DR. JONINHAS (Jonas de Farias Castro) - Também ao senhor a nossa gratidão pela severidade com que nos conduzia pelos intrincados caminhos do conhecimento das coisas... pelo tremendo esforço que fazia para ajudar-nos a aprender o inglês. Personalidade marcante, o senhor tinha o mágico poder de transformar os "palhaços" da classe, em humildes fantoches de marionetes. Três dos seus antigos alunos, dessa turma, tornaram-se médicos, seguindo seus passos... Valeu a pena... muito mesmo!

PROF. CORRÊA (Antonio Corrêa Martins) - Antoninho, como o chamavam os demais professores. Paciente, tolerante, tinha a virtude inconfundível de esquecer-se, nos dias de prova oral, das tenebrosas ameaças que nos fazia nas aulas e, na hora "H", recebíamos as notas a que fizemos jus pelo desempenho, pelo estudo e, não pelo comportamento.

Professor Corrêa, a recordação de sua bondade, paciência e tolerância para com os nossos arroubos da juventude, por certo serviram-nos de lição pela vida em fora e, muita vez, lembrando-nos do seu perdão, fomos capazes de perdoar, também!

PROF. OCTÁVIO - (Octávio Santos) - Amigo e cooperador a toda prova. Ainda hoje, quando ouvimos os acordes de um piano, as Sonatas de Chopin, as Valsas de Strauss e, principalmente, a introdução do Hino Nacional, lembramo-nos do senhor. E endereçamos-lhe agradecimento mudo, que nos ensinou a conhecer e a admirar a beleza de uma sinfonia e, também... porque muito perdoou as nossas brincadeiras, às vezes, de mau gosto. Sua lembrança, professor Octávio, ainda é música para a nossa sensibilidade!

DONA RUTH - (Ruth de Múzzio) - Um pouco exigente... desesperava-se quando pegava um aluno em flagrante delito da cola... Deu-nos aula apenas no último ano mas, muito teve que perdoar-nos, pois as nossas brincadeiras eram mesmo de arrepiar os cabelos. Hoje, mais que nunca, sentimos que valeu a pena o termos sido seus alunos. Aprendemos muito com a senhora... Não só a geografia física mas, também, geografia humanística, do coração, lições para a vida, que contam muito!

"...Olha, meu filho, como a nossa Terra

Tem a forma gentil de um coração..."

PROF. RAUL - (Raul Ribeiro) -- Seu nome lido às avessas, dá LUAR! Muito jovem, enraivecia-se com as brincadeiras e, muitas vezes, quis pegar algum folião pelos colarinhos... Cedo, descobrimo-lhe o "ponto fraco" e, algumas vezes não consegui dar a sua aula. Bondoso e sempre disposto a mandar-nos conjugar os verbos "Avoir e Être", para salvarmos as nossas notas. Professor Raul, o apelido com que o chamávamos, era demonstração de carinho pelo mestre ainda tão jovem... Através dele, o senhor continua bem vivo em nossas recordações!...

Na educação hodierna implantou-se a escola e professor polivalentes. Ao nosso tempo, quando muito, diríamos versáteis, se é que entendíamos bem o termo. Mas, tivemos o privilégio de ter um professor que personificou essa versatilidade ou polivalência. Ninguém mais que o conceituado médico, **Dr. Justiniano Clímaco da Silva**.

Descontraído, extremamente culto, de rara inteligência possuía a capacidade de, em cinquenta minutos de aula, percorrer do clássico à sua medicina nua e crua, numa pedagogia e didática "sui gêneris", conferindo-lhe não só o domínio, mas o enlevo dos seus alunos. Nesse espaço de tempo, levava-nos à Grécia Antiga, ao labirinto da Matemática, Língua Francesa, Língua Latina e finalmente à Literatura Portuguesa. Vez por outra, enveredava para o campo médico de cujos fatos, tão comuns e corriqueiros a ele, pareciam-nos um tanto irreverentes. Motivo de gozo aos rapazes e encabulamento às meninas.

De toda essa polivalente miscelânea, resultaram, para encantamento de nossas posteriores reuniões, as repetidas lembranças das aulas do Dr. Clímaco, como aquele refrão latinizado criado pelos estudantes e, de maneira peculiar, tão bem contado pela Paulina. Safam da sala numa declinação rimada: "qui, quae, quod; todo homem tem bigode!..."

Como Dr. Rui, inigualável ao nos formar para entender a abrangência das grandes e pequenas coisas, Dr. Clímaco ao seu modo, ajudou-nos a descortinar os horizontes para o múltiplo conhecimento do Prático ao Belo. Muitos de nós, alunos, lhes devemos o gosto pela leitura resultando numa dimensão muito mais reveladora, o gosto pelo estudo.

Culminava suas aulas versejando grandes poetas. Com destreza recorria aos poemas com linguagem figurativa, como recitando Emílio de Menezes, poeta paranaense, chamado de Bocage brasileiro que, a par de sua obra lírica, soube ser venenosamente satírico e mordaz.

Impressionava-nos a "Prosopopéia da Pepa ao Pupo", cujas duas primeiras estrofes registramos.

*"Parece peta. A Pepa aporta à praça
E pede ao Pupo que lhe passe o apito
Pula do palco, pálida, perpassa
Por entre um porco, um pato e um periquito.*

*Após, papando, em pé, pudim com passa,
Depois de peixes, pombos e palmito,
Precípite, por entre a população,
Passa, picando a ponta de um palito."*

DR. EMÍLIO - (Emílio Rocha) - Nosso primeiro professor e primeiro amigo! Muito lhe devemos e muito agradecemos!

Seu exemplo de cumprimento do dever, a serenidade com que nos transmitia as mais belas lições de História Geral, mesmo quando falava das Guerras de Alcebiades, dos mistérios das Pirâmides, das Maravilhas do Mundo Antigo ou, dando aulas de francês, nos encantavam sempre. Aquele sorriso amigável e confiante, permanece ainda conosco.

PROF. VICTORINO - (Victorino Gonçalves Dias) - Nunca, nem antes e nem depois, Londrina viveu dias de tão intenso entusiasmo e patriotismo! Vivíamos em clima de 2ª Guerra Mundial e, era justo que vibrássemos pela Pátria Amada, com aquele entusiasmo que só o senhor sabia transmitir. Nos desfiles em datas nacionais, o garbo com que marchávamos, o ritmo de nossa fanfara e a cadência dos nossos passos, por certo, eram marcados pelo rigor de seu civismo e pela sensibilidade do seu coração! No setor esportivo, de tal forma liderou nossos atletas, que o nome do Ginásio Londrinense tornou-se conhecido e respeitado em todo o Paraná. E, quando atuou como Inspetor de alunos, Santo Deus!... Tremíamos de medo quando o víamos circundando as janelas da sala de aula... Porém, mais que tudo, a sua memória fala-nos do grande mestre e desportista que foi.

PROF. MOACYR - (Moacyr Teixeira) - Querido mestre, sua ausência está a dizer-nos coisas maravilhosas com respeito ao verdadeiro sentido da vida. Francês, Geografia e Matemática, ensinando sempre com calma, paciência, dedicação e avançada metodologia, para aquela época. Seu lugar, no coração de cada um de nós, estará sempre ocupado pela sua lembrança, do mestre que foi. Sua ausência está a nos dizer que o homem passa, mas aquilo que ensinou, as sementes que semeou, não deixam nunca de florir e frutificar!

Professores Victorino, Rui Ferraz de Carvalho e Moacyr Teixeira... Como seria bom se vocês estivessem conosco agora.

(Esta homenagem aos nossos ex-professores do Ginásio Londrinense, foi escrita e apresentada por PAULINA CÉSAR SILVEIRA, no reencontro da "turma" em 1984, com o título: "Recordando nossos Professores... 40 anos depois". Ao transcrevê-la para esta Revista, pequenas modificações foram feitas, apenas no sentido de adaptá-la à realidade atual, 10 anos mais tarde)





OLHANDO DE FORA

Eni Galvão Patriota

Vejo na "turma" junta
sorrisos de alegria
nas faces já bem vividas
parecendo aqui trazer,
e trazendo, com certeza,
muito daquela magia
dos anos da juventude.
E lembram coisas bonitas,
alegrias e tristezas
que o tempo, sendo implacável,
já teria sepultado
não fosse a teimosia
da "comissão de meninas"
que teima em relembrar,
a cada ano, o passado.
E, a cada lembrança, vibram,
puxando o fio da vida
que teima em se quebrar.
Mas, não se entregam, as meninas
e novamente aqui estão
aqueles que conseguiram
chegar para se abraçar.

(Eny Galvão Patriota (espectadora)
como assina esta poesia, é esposa do
Dr. Izaurino Gomes Patriota,
componente da turma pioneira do
Ginásio Londrinense. Eny é poeta
paranaense, tendo já publicado um
livro de poesias "JOVEM BRISA" -
1987.)

AO MEU COLÉGIO LONDRINENSE COM AMOR

Hoje fiquei triste
e vi o que os homens podem fazer,
desolado, cabisbaixo
não consegui compreender
e não encontrei ninguém para me
responder.
Passei por ali,
minha primeira escola
minhas primeiras letras,
lembrei dos meus mestres
amigos
colegas
camaradas
gente que também já sumiu
e quase chorei.
Como aquele castelo de areia
o meu colégio se foi
brutalmente aniquilado
tal como se fosse uma guerra
e nada se fez
ali onde
crianças se fizeram rapazes,
ali onde

rapazes se fizeram homens,
ali onde homens se fizeram
independentes,
ali onde
havia muito carinho e amizade,
ali onde havia
muito amor e compreensão,
dali que saíram
advogados
médicos
engenheiros
professores
et cétera e mais et cétera
e nada se fez
nem sequer um grito de protesto
foi dado.
Vieram os "soldados" e tudo para baixo.
E ali onde tantas e tantas vezes

eu entrei e você também,
hoje com tristeza eu digo
que um dia aquilo foi meu.
Meu Deus!
Quanta cultura desmanchada,
quanta sabedoria acabada,
quanta "gente" virou mais gente,
quanta ignorância se tornou celebridade
quanta luz, quanto sol,
quantas inteligências foram abertas
e hoje tudo no chão
louvo eu agora, aquele majestoso
edifício, cheio de salas,
carteiras, professores e alunos
que outrora foi o primeiro,
foi pioneiro.

E hoje passei por lá
parei
fiquei vários minutos
(não tive coragem de ficar mais tempo)
olhei
andei mais um pouco
e não acreditei
aquele que fez tanta gente subir
hoje desceu
sem carinho, sem amor, sem nada
caiu,
uma "rajada de metralhadora"
e ele tombou, quanta dó
foi ao solo sem vida
ele que muito fez por nós.
mas nós nada por ele.

Meu colégio receba aqui os meus
mais tristes
cumprimentos
receba aqui meu último adeus.

ALVARO GIROTO
(ex-aluno)

COINCIDÊNCIAS...

Celma Azevedo F. dos Reis

Há 50 anos, concluíamos nosso curso ginásial, integrando a turma pioneira do Ginásio Londrinense.

Éramos 31 jovens alunos, alguns ainda adolescentes, pioneiros numa terra de pioneiros, a famosa terra roxa do Norte do Paraná, Londrina, município emancipado há dez anos apenas. Neste ano de 1994, comemoramos os nossos 50 anos, coincidentemente (feliz coincidência!), Londrina completa 60 anos.

Os nossos anos de convivência, em sala de aula, nas competições esportivas, nos desfiles, nas reuniões do GLERB (Grêmio Líteo Esportivo Rui Barbosa), e mesmo nas "farrinhas honestas" do recreio, e isso durante quatro anos, levaram-nos a uma identificação muito grande. Tal entrosamento só foi possível, por constituirmos uma única turma, em uma escola ainda emergente, a primeira a oferecer o então chamado "curso ginásial".

Uma vez concluída a 4ª série ginásial, seguiu cada um seu destino, procurando prosseguir seus estudos em uma cidade maior, que lhes oferecesse o curso colegial (2º grau). Para felicidade de alguns recém-formados, que não tinham condições de estudar fora, foi criada em Londrina, no ano de 1945, a Escola de Professores, equivalente ao atual Curso de Magistério. E então, cinco alunas da 1ª turma do Ginásio Londrinense, também integraram a turma pioneira da Escola de Professores de Londrina.

Vinte anos se passaram, cada um de nós seguiu o seu próprio caminho, a maioria casados e exercendo a profissão para a qual fora qualificado. Então veio o nosso 1º encontro, 20 anos depois. Na verdade, já não éramos mais uma turma de 31 alunos, mas tudo foi rememorado com muita alegria, emoção e... saudade.

Mas, por que o título "Coincidências"?

É que agora, em plenos preparativos para o encontro dos 50 anos (também realizado nos 40 e 45 anos), vimos pelo Fantástico, da Rede Globo, (domingo, 6 de novembro), uma reportagem focalizando uma turma de médicos do Rio de Janeiro, na comemoração dos seus 20 anos de formatura.

Voltando no tempo, vemo-nos neste reencontro. A surpresa inicial é substituída pela euforia de rever antigos colegas, agora mais maduros e experimentados, ainda que, fisicamente, apresentando algumas marcas do passar do tempo. E estas marcas não são mesmo perdoadas, surgem comentários, risinhos, brincadeiras...

Numa turma mista, como não poderia deixar de ser, lá como cá, formaram-se alguns parzinhos amorosos, com final feliz para alguns deles. Isso para os "doutores" do Rio, pois nesse final feliz, infelizmente, não houve coincidência.

Mas, falemos do fato principal: a decepção e revolta da turma de médicos, como também a nossa, pela demolição do prédio que nos abrigou, durante todo curso. No Rio de Janeiro um edifício de estilo antigo, verdadeiro patrimônio histórico, desapareceu sem que seus antigos ocupantes tomassem conhecimento. Hoje, só lhes restou constatar a triste realidade, um espaço vazio e triste... triste e vazio...

E o nosso querido Ginásio Londrinense?

A primeira construção feita ali, na Quintino Bocaiúva, em alvenaria, muito estilosa para a época.

O que foi feito dele? Vendido todo patrimônio para uma firma comercial, foi tudo posto abaixo. A martelo? Picaretas? Não importa, o fato é que parece que um pedaço de nós mesmos foi arrancado e sepultado com os destroços. Como os colegas cariocas, só tomamos conhecimento, quando o fato já estava consumado. Não podíamos fazer mais nada, só demonstrar nosso repúdio ao que fizeram com "o nosso Londrinense." Os protestos, claro, surgiram de parte mesmo da sociedade, mas... tarde demais.

E agora? Só restou um largo espaço vazio, tomado pelo mato, mas com um detalhe impressionante: o antigo Colossinho, semi- destruído, com sua estrutura de ferro exposta, parece clamar contra a insensatez dos homens.

O Fantástico mostra, no final, os médicos participantes do encontro, visitando o local onde ficava a antiga Faculdade de Medicina e se dispõem a lutar para que ali seja construído algo que venha a beneficiar toda sociedade.

A turma pioneira de Londrina, também, após ter reivindicado, junto às autoridades, a construção no local de um Centro de Eventos, foi informada que, em m2, o terreno é insuficiente para tal. Mesmo assim, continua reivindicando uma possível desapropriação, destinando o espaço para um projeto com fins culturais, para que através desse empreendimento, sejam homenageados os fundadores do Ginásio Londrinense, pioneiros da educação secundário em Londrina.

Celma Azevedo F. dos Reis.

Professora aposentada, Formada em Letras Franco-Portuguesas e Pedagogia, pela U.E.L.

Integrante da turma pioneira (1944)



1º Encontro - 20 Anos de Formatura

Doces lembranças...

Abrahão Andery

Nunca pensei ser tão difícil colocar no papel lembranças de uma juventude vivida intensamente. É preciso fechar os olhos e deixar que acontecimentos venham naturalmente ao presente, mas são tantas coisas que não é possível registrar tudo num simples comentário. O mais importante é saber que tudo dependeu de um início bem estruturado. E aí, sem dúvida, os méritos pertencem àqueles professores que tivemos a felicidade de ter. Não eram apenas mestres que nos ensinavam as matérias do currículo escolar. Isso era o de menos. A grandeza e a maior obra daqueles professores foi a de saber modelar nosso caráter, nosso espírito cívico, o amor pela coisa pública, o interesse pela coletividade e o espírito humanista que passou a nortear nossas vidas.

As lições de grandeza que nos ministraram Rui Ferraz de Carvalho, Justiniano Clímaco da Silva, Jonas de Faria Castro Fº, Moacyr Teixeira, Antonio Correia, Vitorino Gonçalves Dias, Rute de Múzio e Otávio Santos, entre outros, foram as responsáveis pelos êxitos que logramos na vida. Com todo aquele incentivo iniciamos cedo a travar o bom combate. Há 50 anos, ainda imberbes, já colaborávamos como redator da Revista do Glerb. E fazíamos na Rádio Londrina, com o incentivo de seu diretor Eufrozino Lázaro Santiago, a Hora Cultural do Glerb.

No meu caso, daí para o jornalismo foi um pulo. Na Rádio Londrina e depois na Alvorada, na Folha de Londrina e depois no Semanário Esportivo e na TV Coroados pudemos viver com muita garra todos os esforços de Londrina para crescer como cidade padrão. Vivendo intensamente todos os problemas de Londrina, colaborando com o poder público e recebendo dele e da comunidade toda a confiança e apoio, pudemos ser útil e ajudar nossa cidade. Não há espaço para contar as histórias da criação dos Jogos Abertos do Paraná, das tentativas de construção de estádios e outros complexos esportivos, da fundação

Já no ano seguinte ao da formatura, os que se deslocaram para Curitiba, foram responsáveis, com colegas da Capital, pela fundação da U.P.E.S.

Na vida pública tivemos uma rápida passagem pela Câmara de Vereadores e, na gestão do Dr. Octávio Cezário Pereira Jr., fomos Diretor do Departamento do Trabalho Indústria e Comércio e depois chefe de Gabinete da Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social, onde fomos gratificados com a oportunidade de servir a todo o Paraná.

Sempre havia algum motivo para a gente lutar por um ideal. Seria cansativo e até deselegante esmiuçar aqui tudo o que se viveu.

Mesmo longe de Londrina, a gente vibrava com qualquer coisa que se pudesse fazer por ela. Como, por exemplo, quando o prof. Manoel Barros de Azevedo, Secretário Municipal de Educação e Cultura, nos solicitou em 1.985, representássemos o município junto à viúva do Dr. Reinville de Oliveira, em Salvador, para concretizar a doação de sua biblioteca, que ele havia prometido. Foi muito delicada e envolvente nossa conversa e tivemos êxito na empreitada, conseguindo despachar aquela valiosa doação que hoje faz parte do acervo da Biblioteca Pública Municipal.

A alegria de colaborar sempre fez parte do nosso modo de viver. Porque Londrina sempre esteve e jamais sairá de nosso coração.

Mas tudo isso porque nosso grupo teve a felicidade de receber, no Ginásio, uma orientação altruísta. E esse grupo, mesmo disperso, vive unido na lembrança, no amor e na amizade. Numa aula, Dr. Rui nos explicava que ao retornar à cidade onde se vivera a infância, se constatava com decepção que todas as dimensões eram menores do que as fixadas na nossa mente. Isso nos impressionou, mas é a pura verdade. Mas agora, já idosos, descobrimos outra inversão: que na juventude o amor e o carinho dos amigos eram bem maiores do que supúnhamos. Quase que não cabe hoje, dentro da gente, tanta ternura dessas lembranças inesquecíveis. Valeu a pena viver essa vida. Olhando para dentro de nós, só encontramos prazer pelo que fizemos. Pena que o tempo não volte atrás. Então, só nos resta clamar, como num ditado árabe: "Oh! Mocidade, venha ver o que a velhice fez comigo..."

(ABRAHÃO ANDERY - componente da turma de pioneiros de 1944. Atualmente reside em Salvador, BA, onde possui uma pequena empresa. Enquanto morou em Londrina, ocupou vários cargos de destaque na municipalidade. É jornalista e como tal, atuou em Londrina, por algum tempo.)

PALAVRA DE REENCONTRO

Izaurino Gomes Patriota

Poucas, poucas palavras devem ser ditas para não quebrar o encanto deste momento. Até nossos pais, em lugares distantes e vários, chegara a fama da exuberância de uma terra nova e bravia.

Nos versos de Cora Coralina era
O chamado da terra
O apelo da gleba.

Desfizeram-se de bens, despediram-se de parentes e amigos e, cheios de esperança, aqui aportaram.

Lembro nossos pais nos versos de ODE A LONDRINA:

Homens pioneiros
chegaram de longe
cheios de Fé.
Na terra vermelha,
no seio da mata,
na cova profunda
plantaram café.
Vanguardeiros.
Braços possantes
ergueram a cidade
na terra distante.

Era a Londrina de outrora.

Esta aventura nos aproximou e todos nós passamos a viver nesta Cidade que emergia da mata e dos cafezais.

nas terras escuras
roxo-vermelhas do Paraná.

A visão de um médico, Dr. Jonas de Faria Castro e a dedicação e idealismo de um educador, Dr. Rui Ferraz de Carvalho, nos uniu no Ginásio Londrinense.

Nascia ali uma admirável amizade que o passar dos anos não esmoreceu.

Os caminhos da vida nos separaram, cada um seguindo rumos diferentes, mas a afeição formada nos anos escolares, as afinidades de sentimentos, o companheirismo e o espírito de solidariedade, permaneceram vívidos.

Esta a razão porque, de tempos em tempos nos reunimos para curtir saudades e rememorar preciosos anos de nossa juventude.

Nestas lembranças comparecem, também, os colegas e professores ausentes, seja porque não foram encontrados ou não puderam estar aqui presentes, ou porque despediram-se desta vida.

Vestindo a mortalha da terra vermelha que bem trabalharam, nos versos de Cora Coralina, que evocam saudades.

Desfrutamos com alegria este nosso reencontro com a mesma efusão de vida e esplendor desta Cidade - nossa Londrina, - de agora e de outrora.

(Palavra proferida por ocasião do reencontro da "turma", no ano de 1989.)

REMINISCÊNCIAS

Lembradas, relembradas, não de todo esgotadas vão aqui recontadas algumas reminiscências.

Dr. Jonas, melhor dizendo, nosso caríssimo Dr. Joninhas. Grande médico cirurgião e, com o tal, assoberbado sempre de infindáveis responsabilidades. Quem diria! Amigo do peito tem palmilhado conosco, por todos esses anos, o caminho da amizade sincera emprestando-nos firmeza e segurança. Jamais nega um convite quando solicitada a sua presença às nossas reuniões. Paciente, não demonstra enfado ou cansaço. Ouve a todos, participa de tudo, estimula-nos.

Apenas com alguns anos a mais que seus ex-alunos, soube se impor exigindo empenho às suas disciplinas de Ciências e Língua Inglesa, ao mesmo tempo que lhe devotávamos grande respeito.

Elegante, deixou crescer um cerrado cavanhaque para se fazer mais maduro. Hoje, ele bem sabe que aquela barba resultou num duplo efeito. Fê-lo maduro, mesmo porque já o era; e tão charmoso valendo-lhe assim doloridos e esperançosos suspiros de algumas de suas ex-alunas.

Dr. Emílio? Que pena... Nunca mais o vimos. Jovem advogado, muito sisudo, não dava margem às brincadeiras em suas aulas. Nunca o esquecemos; sinal de que o queríamos bem. Morávamos à esquina da praça Rocha Pombo em frente da estação ferroviária, hoje sabiamente convertida em museu.

Sempre fui afeiçoada a cães. Papai ganhara um belo policial. Nem sempre preso, perambulava pela redondeza, felizmente quase vazia de veículos. Quando eu saía, esperto, sorratamente me seguia para, já distante, se mostrar ao meu lado, lampeiro, abanando a cauda. Fazê-lo voltar? Impossível.

Com pó ou barro rumávamos a pé para o distante Ginásio. Por vezes, Buque, nosso cão, tentava me seguir sendo então acorrentado. Certa ocasião, chegando à escola, deparei com ele fazendo festa e sendo festejado por alguns colegas que o conheciam. Possivelmente seguira o caminho dos trilhos dos trens, bem mais curto, chegando à minha frente. Levei-o de volta até certa distância ameaçando-o e certa de que voltara para casa.

Nossa sala de aula, ao rés do chão, tinha as janelas num nível baixo.

Aula do Dr. Emílio, que naquele momento deixando o quadro negro e levando um giz à mão, encostou-se no fundo da sala. Silêncio. Eis que se ouve um rosnar, surgindo, de repente, nada mais que a cara do Buque na janela. A reação foi imediata. Aproveitando o momento de descontração, uns abafavam e outros davam largas ao riso.

Dr. Emílio, contrariadíssimo, perguntou: - de quem é esse cachorro? Logo de quem... Entre envergonhada e amedrontada respondi: - Meu!

Atirando com força o giz ao quadro, deixou a sala.

Minha nota do bimestre? Adivinhem...

E, ia por aí a fora...

DOROTHÉA PASSOS NIEWEGLOWSKI - Aluna da Turma
Pioneira, hoje residente em Curitiba. Formada em Odontologia e em
Línguas.

O GINÁSIO LONDRINENSE



Francisco Busto Moreno

Nos meus primeiros anos de existência, Londrina contava já, com pequeno Hospital. Um dos seus médicos, Dr. Jonas de Faria Castro, mantinha sua clínica particular nas imediações, na Praça Willie Davids. Homem de larga visão e espírito empreendedor, Dr. Jonas não limitou-se a trabalhar exclusivamente, para ganhar dinheiro na sua profissão. Além do seu trabalho humanitário na clínica, preocupava-se em construir uma escola em Londrina, que possibilitasse aos jovens da região, iniciarem os primeiros passos para a formação profissional. E com a colaboração do filho, Dr. Jonas de Faria Castro Filho e do genro, Dr. Rui Ferraz de Carvalho que assumiu a direção da escola, foi possível ao Dr. Jonas concretizar aquela idéia, isto é, fundar o Ginásio Londrinense.

Em 1940 começaram as aulas para os alunos que iam sendo matriculados durante aquele ano, a fim de se prepararem para os exames de admissão ao curso ginásial, realizados no final do ano.

Em março de 1941, tiveram início as aulas para o primeiro ano da primeira turma de ginásianos. Esta turma, durante os quatro anos seguintes, recebeu todos os ensinamentos para a boa formação intelectual e cívica e foi licenciada a 16 de dezembro de 1944.

Fizeram parte do corpo docente do Ginásio, os seguintes professores: Dr. Rui Ferraz de Carvalho, Dr. Ludovino Pinto Valada, Dr. Emílio Rocha, Dona Maria Helena Ferraz de Carvalho, Dr. Justiniano Clímaco da Silva, Dr. Jonas Faria Castro Filho, Prof. Moacyr Teixeira, Prof. Ruth de Múzzio, Prof. Antônio Corrêa, Prof. Victorino Gonçalves dias, Prof. Otávio Santos, Prof. Raul Ribeiro. Representava o Ministério da Educação, como Inspetor Federal, o Prof. Otávio Telles Rudge Maia.

Fizeram parte da primeira turma de formandos do Ginásio Londrinense, os seguintes alunos: Abraão Andery, Albino Striquer, Agenor De Múzzio, Ananias Gomes Martins, Celma Azevedo, Claudimar Bueno de Menezes, Cláudio Damiano Staziak, Circe Rocha Loures Bueno, Dulce Aparecida Bonalumi, Dorothea Passos, Esmeralda Silveira Cintra, Francisco Busto Moreno, Gumercindo Fernandes da Silva, Horácio Aizin, Haroldo de Freitas, Heronaka Tamuro, Izaurino Gomes Patriota, Iochihal Kawahisa, Jair Gomes, Kilda Gomes do Prado, Lázaro José Caria de Souza, Manoel Garcia, Maria Luiza Guimarães, Mariwo Nishioka, Milton Gensen, Octávio Venturini, Paulina de Oliveira César, Pedro Faria, Rubens de Jesus, Silvandira Ferrarese, Tupam Aguiar Borges.

Hoje, quando comemoramos os 50 anos daquela formatura, sentimos uma indescritível emoção. Faz-nos voltar no tempo e no espaço. Avivam-se as lembranças em nossa mente, das condições em que iniciamos as nossas atividades escolares e das dificuldades que existiam para os que residiam em uma cidade tão pequena. Havia apenas 2.000 casas, a maioria absoluta de madeira, 12.000 habitantes, 13 médicos, 13 advogados, 5 engenheiros, 8 dentistas, 2 cinemas, 9 hotéis, 8 farmácias, 5 bancos, 11 serrarias, 14 olarias, 277 caminhões, 138 automóveis, 25 ônibus, 4 tratores, 1 hospital, 5 igrejas e 3 educandários, quando o Ginásio Londrinense iniciou suas atividades.

As redes de água e de energia elétrica eram particulares e não podiam acompanhar o rápido crescimento da cidade. Por isso apresentavam frequentes interrupções no fornecimento de água e luz, ocasionando enormes transtornos para a população. As ruas ficavam cheias de barro pegajoso, vermelho, quando chovia, ou de densa poeira vermelha, que obrigava ao uso de guarda-pó por sobre o vestuário, nos períodos de estiagem. O Ginásio situava-se longe do centro, no perímetro urbano da cidade. Não havia meios de transporte. O trajeto era feito a pé. As expectativas e as intensas emoções que sentíamos, quando acompanhávamos pelos rádio, com o Repórter Esso, as notícias sobre as batalhas terrestres, aéreas e navais entre o exército aliado e o ex - exército alemão, durante a 2ª Guerra Mundial. As viagens que fazíamos à nossa casa, em Cambé, na jardineira Catita da Empresa Garcia, através de estrada sinuosa, cortando a mata nativa e muitos cafezais, cheia de buracos e atoleiros nos dias chuvosos, obrigando-nos a segurarmos bem para não sermos atirados pelos lados do veículo, que deslizava de um lado para outro, por causa da lama.

Tudo isso nos leva a fazer uma comparação com a Londrina de hoje e, que nos deixa orgulhosos pelo progresso alcançado, mercê da inteligência, trabalho e determinação do seu povo.

Ocorre também, em nossa memória, as palavras do nosso grande mestre, Dr. Rui Ferraz de Carvalho, em sua oração de paraninfo:

"Fazei de vossa vida uma jornada em busca de ideais elevados. Só assim ela será uma ascensão. Não vos deixeis dominar pelo desânimo ambiente, nem empolgar pelo utilitarismo sedutor da época. O objetivo cardeal da existência não pode ser a acumulação ilimitada de fortunas. A vida é um manancial inesgotável de belezas espirituais. Havereis de sentir, um dia, que a alegria de viver não se mede pelo que possuíis, mas pela nobreza do ideal, por que lutais. A suprema felicidade não é feita de ouro, mas de espiritualismo: é o conforto íntimo, que traz à alma humana, a consciência do dever cumprido".

A nossa turma de formandos do antigo Ginásio Londrinense, realizou ao longo destes 50 anos, freqüentes econtros, estreitando cada vez mais, os laços de uma profunda e duradoura amizade entre ex-alunos e ex-professores.

Irmanados que somos, pelos ensinamentos recebidos da Direção do Ginásio, onde aprendemos os deveres cívicos de bem "Amar a Pátria, viver no trabalho e não perder o Ideal", procuramos sempre manter-nos unidos, resgatando estes princípios que norteiam as nossas vidas e são o motivo de grande alegria e felicidade para todos nós.

Neste fim de ano, a Prefeitura Municipal de Londrina comemora os 60 anos de fundação da cidade. E com justo orgulho, incluiu, em sua programação, a comemoração dos 50 anos de formatura dos primeiros ginásianos de Londrina. É uma grande homenagem e o resgate da memória dos fundadores do Ginásio Londrinense, DR. JONAS DE FARIA CASTRO E DR. RUI FERRAZ DE CARVALHO que, no momento certo e no lugar certo, souberam plantar uma frutífera árvore, cujos frutos presenciamos hoje, com a existência do INSTITUTO FILADÉLFIA, para o qual foi vendido aquele Estabelecimento.

Por todas estas coisas, nunca seria demais, numa ocasião como esta, quando avaliamos a importância que tiveram, nos primórdios de Londrina, as figuras do Dr. Jonas de Faria Castro e Dr. Rui Ferraz de Carvalho, sugerir à Prefeitura, ao Senhor Prefeito e aos nobres Vereadores da Câmara de Londrina, nomearem Instituições Públicas do Ensino ou da Cultura, com os nomes daqueles grandes pioneiros, para serem as suas lembranças perpetuadas na HISTÓRIA DE LONDRINA.

FRANCISCO BUSTO MORENO - médico em Cianorte e componente da turma pioneira do Ginásio Londrinense.

PARABÊNS ORGANIZADORAS DOS ENCONTROS DA PRIMEIRA TURMA DO GINÁSIO LONDRINENSE

Maria Da Luz Padilha Sriquier

Casada com um dos alunos dessa turma, desfruto a felicidade de acompanhá-los nesses encontros e conhecer a quase totalidade dos seus componentes e respectivas famílias.

São verdadeiras festas onde afloram as lembranças boas, onde todos tornam-se jovens novamente, voltam a viver aqueles dias passados. Parece que nunca experimentaram maus momentos, nunca lhes aconteceu nada de ruim.

Na verdade, sim. Acontece que o tempo filtrou os sofrimentos, as dificuldades, em lições de experiência e sabedoria, fazendo-os passar pela vida e viver.

Sinto-me, hoje, integrada ao grupo, como se fosse um dos seus membros, desfrutando a felicidade de contar com a amizade de pessoas tão sábias e valorosas.

Não tenho conhecimento de outro caso de tanta união e amizade verdadeiramente desinteressada, sem qualquer vínculo financeiro, comercial ou social que os ligue. Apenas a pura e espontânea amizade, uma espécie de aura cujas radiações chegam a contaminar esposas, maridos, filhos, netos e pessoas afins.

Cada participante, mormente neste estágio da vida, leva do encontro para o cotidiano, o conforto e a certeza de que não esteve e não está sozinho no cultivo da virtude,

mas participa de uma força orientada para o porto seguro do bem material e transcendental.

E a felicidade desses encontros só foi possível graças à amizade, ao talento e aos ingentes esforços da grande comandante, KILDA PRADO GIMÉNEZ, da imediata, SILVANDIRA FERRARESE DE ALMEIDA, da competente escritora da armada, PAULINA DE OLIVEIRA CÉSAR, e das assessoras CELMA AZEVEDO E DULCE BONALUMI.

Parabéns, pois. Os nossos agradecimentos e a certeza de nossa admiração e amizade.



(A autora, é esposa do nosso ex-colega e amigo ALBINO STRIQUER. Para nós, ela é parte integrante da turma. O casamento de Maria e Albino faz parte da nossa história, pois o amor à primeira vista aconteceu naquela famosa viagem dos nossos esportistas a Curitiba, primeiro marco no famoso intercâmbio norte-sul, daqueles idos).

ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO LONDRINENSE

Kilda Gomes Do Prado

A mocidade sonha, tem grandes aspirações, luta por ideais elevados. Muitas vezes, em sua jornada, depara com caminhos tortuosos, obstáculos inesperados, a impedirem que alcance o fim colimado.

Ela, porém, os vence, porque também em seu caminho encontra pessoas amigas, de sentimentos altruístas que a auxiliam e amparam, indicando-lhe a rota certa para a vitória almejada, desviando-a da tortuosidade do caminho.

Foi a mocidade de Londrina que há bem pouco sonhou, teve a sua aspiração e lutou por um ideal. Foram poucas as dificuldades a enfrentar, pois logo estes jovens encontraram em seu caminho, alguém que lhes indicou o fim da jornada.

Surgiu à frente da mocidade londrinense, o Doutor Rui Ferraz de Carvalho, espírito empreendedor, sentimentos nobres e altruístas que não vacilou e, solicitamente, atendeu aos anseios dos jovens que lhe pediam amparo.

Jovens, desejosos de continuarem seus estudos, impossibilitados de estudarem fora de Londrina e, já munidos do seu Certificado Ginásial, foram solicitar ao Dr. Rui, então Diretor do Ginásio Londrinense, a fundação do CURSO TÉCNICO DE CONTABILIDADE.

Ele não mediu sacrifícios, embora sabendo que, pouco ou mesmo nada, receberia em troca. Atendeu ao pedido que lhe fizeram os estudantes.

Hoje, graças àquele batalhador incansável pelas causas do Ensino, Londrina conta com mais uma grande realização: O CURSO TÉCNICO DE CONTABILIDADE.

Ao nosso Diretor, DR. RUI FERRAZ DE CARVALHO, a nossa gratidão.



(KILDA PRADO GIMENEZ, escreveu o artigo acima, quando cursava o 1º ano de Contabilidade e o publicou na "REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE" de julho de 1946. Ao re-publicá-lo hoje em nossa Revista, visamos resgatar mais um pedacinho da história daquele Educandário e da dedicação dos seus fundadores.

KILDA é PROFESSORA, formada pela Escola Normal de Londrina, no ano de 1946. Também é formada pela Escola Técnica de Comércio de Londrina, no ano de 1948.)

LEMBRANÇAS DO INTERNATO

Albino Striquer

Embora já trabalhasse firme por mais de três anos, continuava nas horas de folga, a desfrutar o contato com a natureza exuberante. Isso, depois da infância plenamente feliz que tive, como a descrita por Casemiro de Abreu no poema "Meus oito anos", mutatis mutandis, do litoral fluminense, para este Norte do Paraná. Lá, a montanha, as campinas e o mar; aqui o rio, a mata, a caça e a pesca.

De repente, sem prévio aviso, vi-me trancafiado como aluno interno do Ginásio Londrinense, titular da primeira matrícula.

Eu, que até então nunca fizera qualquer projeto que envolvesse carreira intelectual, por bom tempo padeci da angústia da perda definitiva da feliz e bucólica adolescência, em troca de uma prisão urbana, com expectativa de saída apenas nas férias escolares, de seis em seis meses. Sentia-me acometido de mórbida nostalgia, como a que Gonçalves Dias experimentou no exílio.

Felizmente, aos poucos este sentimento foi sendo sufocado pela agitação própria de uma vivência diuturna em grupo. No começo, éramos oito ou dez internos e cerca de trinta externos. Mantínhamo-nos sempre ocupados até às 11 horas da manhã, com aulas; das 13 às 16, estudo em classe; depois, lazer, com papo furado, basquete, vôlei, futebol, barra fixa, paralelas, exercício de pórtico, arremessos, corridas, etc.

Às 19 horas, estudo, lazer e, só então, o merecido repouso noturno.

Mesmo à noite, ninguém estava livre de acordar amarrado à cama, às vezes não podendo suportar por mais tempo, a necessidade fisiológica; de acordar com a boca vedada com esparadrapo, quase sem poder respirar ou, cheia de pasta dentifírcia, sabonete ou chumaço de papel; ou na hora do sono mais profundo, acordar com a queda da cama, previamente preparada em forma de armadilha.

Os de sono mais pesado não estavam livres de acordar deitados no chão frio do banheiro ou com um "mosquitinho" queimando-lhe a testa. Chamávamos "mosquitinho", um carvãozinho de palito de fósforo queimado, que se colocava na testa do dorminhoco, tendo-se a cautela de amarrar-lhe uma pedra na mão adequada. Aí, ateava-se fogo na ponta livre do carvãozinho... Todos os envolvidos na maldade, inclusive assistência, deitavam-se fingindo sono solto e logo presenciavam a vítima bater com a pedra na própria testa. Como resultado, apenas uma leve sapecada, um pequeno galo ou raspão na testa, mas muita festa para uns e muita raiva para outro.

Certa feita, um bom colega deixou cair e quebrar um espelhinho, desses de bolso, baratinhos, que trazem no verso a figura de moça bonita. Por razão que não conhecemos, ele não conteve o choro. Foi aí, que um colega, não me lembro quem, o tranqüilizou: "não fique triste, vá ao farmacêutico, ele conserta"... dito e obedecido. O inocente colega partiu levando o espelhinho para consertar. Duas a três horas após, depois de haver percorrido todas as farmácias da cidade, exausto e desolado, voltou informando que nenhum farmacêutico se dispusera à desejada proeza. Então, sem perda de tempo, outro colega malvado, aproveitando a deixa, sentenciou: "Sabe, Fulano, você foi enganado. Quem conserta espelhos é o alfaiate".... no que foi confirmado por uns cinco ou seis presentes: "isso mesmo, quem sabe consertar espelho direitinho, é o alfaiate e não o farmacêutico"... E indicaram-lhe a Alfaiataria Zacarias, que ficava onde é hoje a Cipasa.

Animado pela nova chance, o santo colega ainda arranjou forças para voltar ao centro da cidade e pedir ao sr. Zacarias que lhe fizesse o conserto. Donde voltou conformado, acreditando que até seria possível consertar-se, mas pelos ângulos e linhas em que se dera a quebra, não havia remédio.

Já desfrutávamos ambiente da melhor camaradagem entre colegas internos e externos, quando o internato recebeu o reforço de um grupo de animados novos colegas, os irmãos Haroldo

e Douglas de Freitas e dos craques de basquete, Geraldo Barros de Carvalho e Alípio Braz, vindos com o saudosíssimo professor Victorino Gonçalves Dias, procedentes do Colégio Ourinhense.

Esse grupo, vindo de Ourinhos, é que implantou no colégio, o trote da "Caça ao Tirisco", que descreviam como pássaro de rara beleza e de grande valor pecuniário e diziam existir em grande quantidade nas matas próximas ao colégio. Os calouros, às vezes só, outros, secundados pelo veterano, embrenhavam-se na mata, pondo-se a bater em latas dessas de 20 litros de banha, que havia muitas no colégio. Colocadas dentro de um saco de estopa, com a boca aberta, aguardando que o "tirisco" ali entrasse, para então, fechar rapidamente a boca do saco e ter seguro o precioso pássaro. A recomendação era para fechar com rapidez, porque o "tirisco" era muito esperto.

Os veteranos quando iam, sempre inventavam motivo para retornarem logo, deixando o calouro, que ficava batendo lata às vezes, por horas a fio. Depois que terminei o curso e já me encontrava em Curitiba, tive notícia de que um colega voltou à caça, por diversos domingos seguidos.

Sempre havia acontecimentos engraçados, surpreendentes e até incríveis. É claro que comigo também, aconteceram coisas....

Certa vez, em sessão literária do nosso grêmio estudantil, deveria pronunciar um discurso que havia escrito previamente. Eu, que já era tímido para esse tipo de apresentação, coloquei-me diante do Colégio reunido no salão nobre, incluindo todo o corpo docente, onde havia oradores do gabarito do Dr. Rui Ferraz de Carvalho, sereno, técnico, e Dr. Justiniano Clímaco da Silva, inflamado, antológico, latinista, além do nosso orador oficial, o colega de classe Izaurino Gomes Patriota que já ensaiava grandes vôos, como revelou no curso de sua vida.

Apresentar-me diante dessa platéia já foi difícil. Pior ainda, quando, depois dos cumprimentos de estilo, meti a mão no bolso e não encontrei o escrito.... Assustado, repassei todos os bolsos e... nada! Alguém me fizera a brincadeira de extraviá-lo. Foi aí que Dr. Rui, simpático e clemente, perguntou: "O senhor esqueceu o improvisado?" O jeito foi falar mesmo de improvisado. Resultado: péssima apresentação. Mesmo assim, o aplauso, com a significação de: "console-se, não se descuide mais".

Outra vez, Haroldo, Douglas e eu, que tínhamos namoradas pelos lados do Jardim Santo Antônio, dirigíamo-nos a um trecho da rua, por onde passávamos com elas em nossas fugidinhas noturnas; íamos pensando em quebrar uma das três lâmpadas da iluminação pública, para tornar mais romântico o caminho. Encontrávamo-nos ocupadíssimos nessa missão, com as mãos cheias de pedras, tentando acertar o alvo e não nos demos conta da aproximação, já a pouco mais de 10 metros de nós, justamente de minha namorada, acompanhada de sua mãe. Ela, radiante por encontrar-me em ocasião não combinada, apresenta-me à mãe. Eu, que sempre quis ser sério e responsável, como explicaria esse comportamento tão vulgar? Como desfazer-me das pedras e das mãos empoeiradas? Foi então, que tive a grande inspiração de explicar que nos defendíamos de cachorro bravo. A ex-futura sogra, certamente teve plena visão do quadro, mas soube respeitar o meu vexame, fingindo acreditar.

Esse foi o relato de uma pequena parte do lado pitoresco de uma grande convivência de camaradagem e respeito, existente entre todos os colegas internos e externos do Ginásio Londrinense que foram e conservam-se dignos, intocados pela corrupção que assola o país.

(ALBINO STRIQUER - matrícula nº 1 na história do Ginásio Londrinense, pioneiríssimo, portanto, da turma de pioneiros. Formado em Direito, reside na cidade de Jataizinho, onde, por duas vezes já, exerceu o mandato de Prefeito Municipal).



Dr. Rui Ferraz de Carvalho


Oração de Paraninfo

Londrina - 1945

Discurso pronunciado na solenidade de entrega de certificados aos licenciados do Ginásio Londrinense, a 16 de dezembro de 1944, no Salão Nobre do Grêmio Literário e Recreativo Londrinense



AOS LICENCIADOS DE 1944 DO GINÁSIO LONDRINENSE:



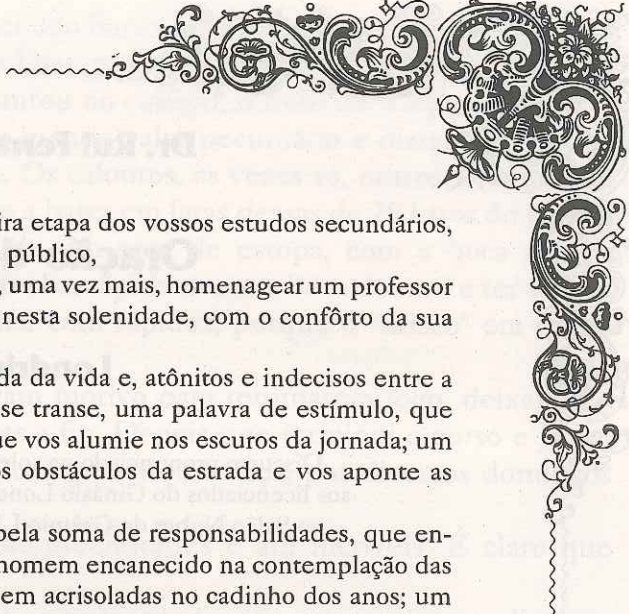
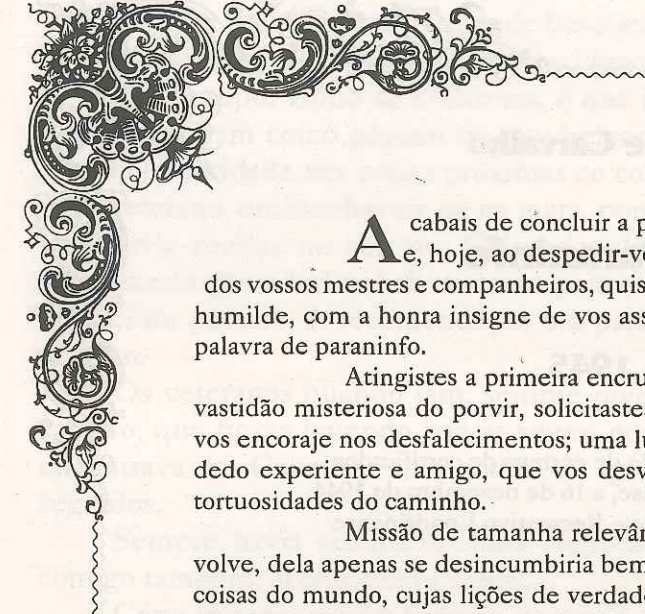
ABRAHÃO ANDERY
ALBINO STRIQUER
AGENOR DE MUZIO
ANANIAS G. MARTINS
CELMA AZEVEDO
CLAUDIMAR B. DE MENEZES
CLAUDIO D. STAZIAK
CIRCE R. LOURES BUENO
DULCE APARECIDA BONALUMI
DOROTÉA PASSOS
ESMERALDA S. CINTRA
FRANCISCO BUSTO MORENO
GUMERCINDO F. DA SILVA
HORACIO EISIN
HAROLDO DE FREITAS
HERONAKA TAMURO

IZAURINO G. PATRIOTA
IOCHIHAI KAWAHISA
JAIR GOMES
KILDA G. DO PRADO
LÁZARO JOSÉ C. DE SOUZA
MANOEL GARCIA
MARIA GUIMARÃES
MARIWO NISHIOKA
MILTON GENSEN
OCTÁVIO VENTURINI
PAULINA DE O. CESAR
PEDRO FARIA
RUBENS DE JESUS
SILVANDIRA FERRARESE
TUPAN DE A. BORGES



O autor dedica este trabalho.





Acabais de concluir a primeira etapa dos vossos estudos secundários, e, hoje, ao despedir-vos, de público, dos vossos mestres e companheiros, quisestes, uma vez mais, homenagear um professor humilde, com a honra insigne de vos assistir, nesta solenidade, com o conforto da sua palavra de paraninfo.

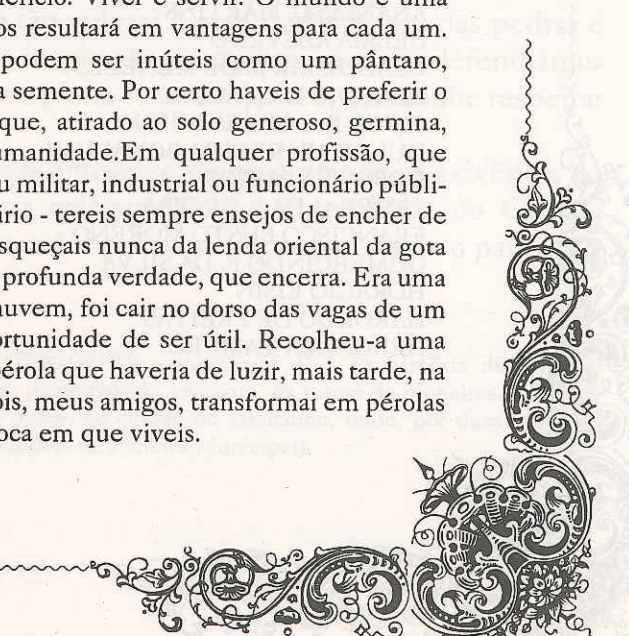
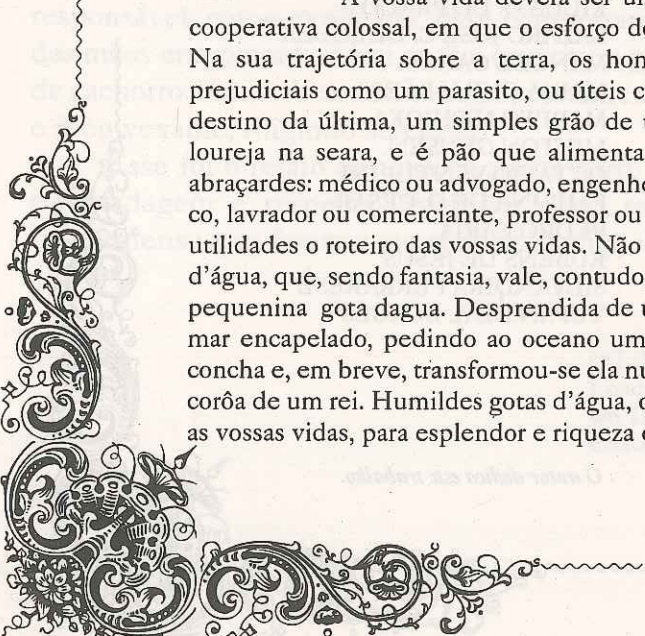
Atingistes a primeira encruzilhada da vida e, atônitos e indecisos entre a vastidão misteriosa do porvir, solicitastes, nesse transe, uma palavra de estímulo, que vos encoraje nos desfalecimentos; uma luz, que vos alumie nos escuros da jornada; um dedo experiente e amigo, que vos desvie dos obstáculos da estrada e vos aponte as tortuosidades do caminho.

Missão de tamanha relevância, pela soma de responsabilidades, que envolve, dela apenas se desincumbiria bem um homem encanecido na contemplação das coisas do mundo, cujas lições de verdade fossem acrisoladas no cadinho dos anos; um espírito, na expressão lapidar de Rui Barbosa, feito de saber, serenidade e pureza; uns lábios costumados à doutrina e ao conselho; uma vida carregada de bençãos e de frutos.

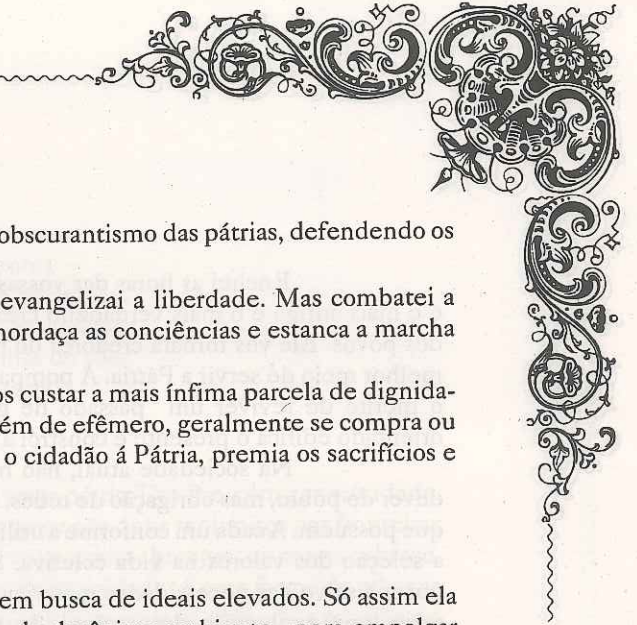
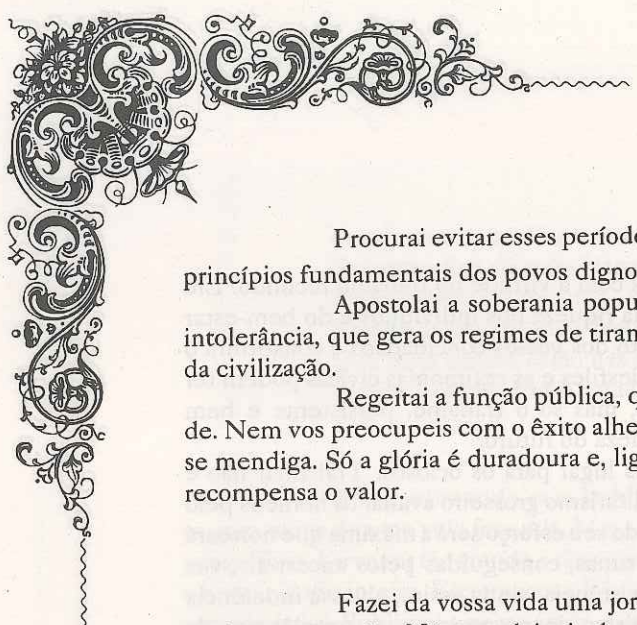
Entretanto, obedecendo aos vossos sufrágios, aceitamos a honra do encargo e, embora moço, cuja entrada na vida de poucos anos precedeu a vossa, aqui estamos, agradecido, para vos transmitir, não os ensinamentos do saber, ou os conselhos da experiência, que não temos, mas a linguagem do coração, que advinha as verdades e penetra, por instinto, nos arcanos do futuro. É o nosso coração, portanto, transbordante de afeto, que vai falar aos vossos corações, com a mesma sinceridade, com que falaríamos aos nossos próprios filhos.



Ides já deixando para trás os anos mais felizes e descuidados da existência. Entre a juventude e a mocidade, em meio ao clarão das alegrias próprias dessa idade bonita, encontrareis, de longe em longe, a sombra de uma preocupação, que se multiplica com o avançar dos anos. Caem as folhas das primeiras ilusões, que mentiram, e brotam, em seu lugar, as primeiras realidades do mundo, nem sempre consoladoras. E o vosso espírito enche-se de anseios e de dúvidas pelos mistérios da vida, pela sorte dos povos, pelo destino das criaturas.



A vossa vida deverá ser um benefício. Viver é servir. O mundo é uma cooperativa colossal, em que o esforço de todos resultará em vantagens para cada um. Na sua trajetória sobre a terra, os homens podem ser inúteis como um pântano, prejudiciais como um parasito, ou úteis como a semente. Por certo haveis de preferir o destino da última, um simples grão de trigo que, atirado ao solo generoso, germina, loureja na seara, e é pão que alimenta a humanidade. Em qualquer profissão, que abraçardes: médico ou advogado, engenheiro ou militar, industrial ou funcionário público, lavrador ou comerciante, professor ou operário - tereis sempre ensejos de encher de utilidades o roteiro das vossas vidas. Não vos esqueçais nunca da lenda oriental da gota d'água, que, sendo fantasia, vale, contudo, pela profunda verdade, que encerra. Era uma pequenina gota d'água. Desprendida de uma nuvem, foi cair no dorso das vagas de um mar encapelado, pedindo ao oceano uma oportunidade de ser útil. Recolheu-a uma concha e, em breve, transformou-se ela numa pérola que haveria de luzir, mais tarde, na corôa de um rei. humildes gotas d'água, que sois, meus amigos, transformai em pérolas as vossas vidas, para esplendor e riqueza da época em que viveis.



Procurai evitar esses períodos de obscurantismo das pátrias, defendendo os princípios fundamentais dos povos dignos.

Apostolai a soberania popular e evangelizai a liberdade. Mas combatei a intolerância, que gera os regimes de tirania, amordaça as consciências e estanca a marcha da civilização.

Regeitai a função pública, que vos custar a mais ínfima parcela de dignidade. Nem vos preocupeis com o êxito alheio. Além de efêmero, geralmente se compra ou se mendiga. Só a glória é duradoura e, ligando o cidadão á Pátria, premia os sacrifícios e recompensa o valor.



Fazei da vossa vida uma jornada em busca de ideais elevados. Só assim ela será uma ascensão. Não vos deixeis dominar pelo desânimo ambiente, nem empolgar pelo utilitarismo sedutor da época. O objetivo cardeal da existência não pode ser a acumulação ilimitada de fortunas. A vida é um manancial inexgotável de belezas espirituais. Havereis de sentir, um dia, que a alegria de viver não se mede pelo que possuís, mas pela nobreza do ideal, por que lutais. A suprema felicidade não é feita de ouro, mas de espiritualismo: - é o conforto íntimo, que traz á alma humana, a consciência do dever cumprido.



Imprimí uma sinceridade iniludível aos mais pequeninos atos da vossa vida. As vossas atitudes e as vossas decisões deverão ser o fruto de prolongada ponderação. As falsidades têm curso na vida, porque nasceram e se propagaram com aparência de verdades. Não aceiteis a primeira ideia, que se vos atirem, sem submetê-la, antes, ao cadinho de uma análise serena. Principalmente, as doutrinas, que tiverdes de expandir, deverão ser o fruto da mais longa meditação. Guardai, a respeito, a exortação do poeta:

- "Homem, que pensas e que dizes o que pensas!

Se queres que entre as coisas e entre os homens

Tuas ideias vivam pelo mundo,

Crê bem nelas primeiro. Sofre-as bem.

Faze com que elas vivam na tua alma,

Na mais sincera intimidade do teu ser.

As idéias que criam, as idéias

Vivas, que elevam religiões e impérios,

Gênios e heróis, mártires e santos;

As idéias orgânicas e eternas,

Que dão nomes aos séculos, destinos

As raças, glória aos homens, força à vida,

que nutrem almas e orientam povos,

Fecundam gerações e geram deuses,

E que semeiam civilização,

- Essas terão que vir da nossa fonte humana,

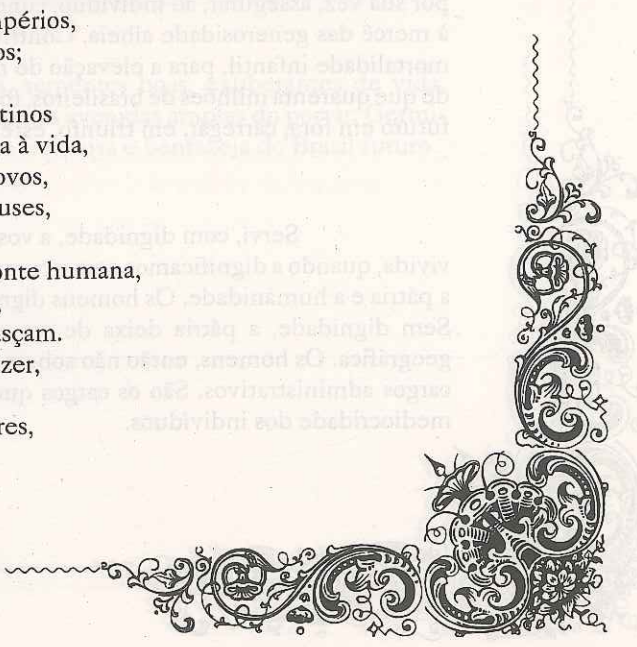
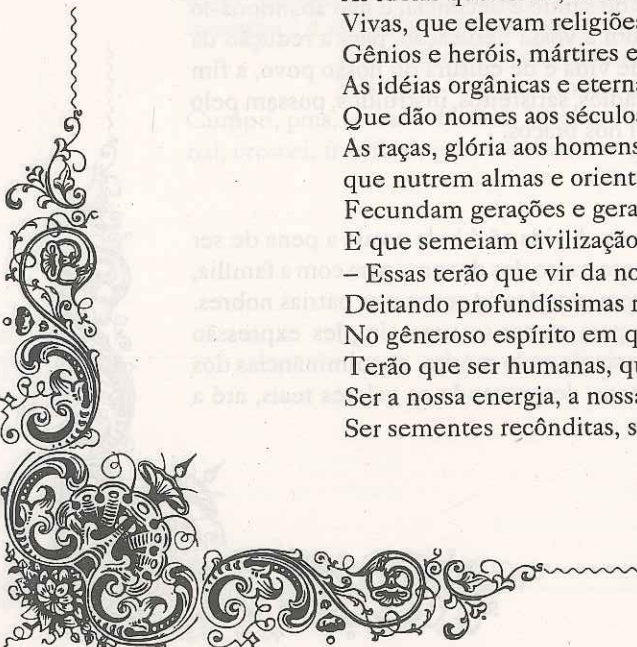
Deitando profundíssimas raizes,

No generoso espírito em que nasçam.

Terão que ser humanas, quer dizer,

Ser a nossa energia, a nossa fé,

Ser sementes recônditas, ser dôres,





Enchei as horas das vossas vidas com a virtude do trabalho fecundo. Ele é o mais antigo e o mais verdadeiro creador da riqueza dos indivíduos e do bem-estar dos povos. Ele vos tornará credores do respeito dos vossos concidadãos e constituirá o melhor meio de servir a Pátria. A pompa dos desfiles e as cerimônias cívicas podem ter o mérito de reviver um passado de glórias, mas só o trabalho, persistente e bem orientado edifica o presente e constrói a grandeza do futuro.

Na sociedade atual, não há mais lugar para os ociosos. Trabalhar não é dever do pobre, mas obrigação de todos. É utilitarismo grosseiro avaliar os homens pelo que possuem. A cada um conforme a utilidade do seu esforço será a máxima que norteará a seleção dos valores na vida coletiva. Se fortunas, conseguidas pelos ancestrais, vos puser a salvo das necessidades materiais da existência, ainda assim, a vossa indolência seria uma exploração desprezível. As conquistas do progresso e as excelências da civilização custaram o esforço e o sacrifício de inúmeras gerações passadas. Não podeis usufruí-las, com justiça e com decência, senão acrescentando a parcela da vossa energia à peleja comum em busca do ideal humano de perfeição.



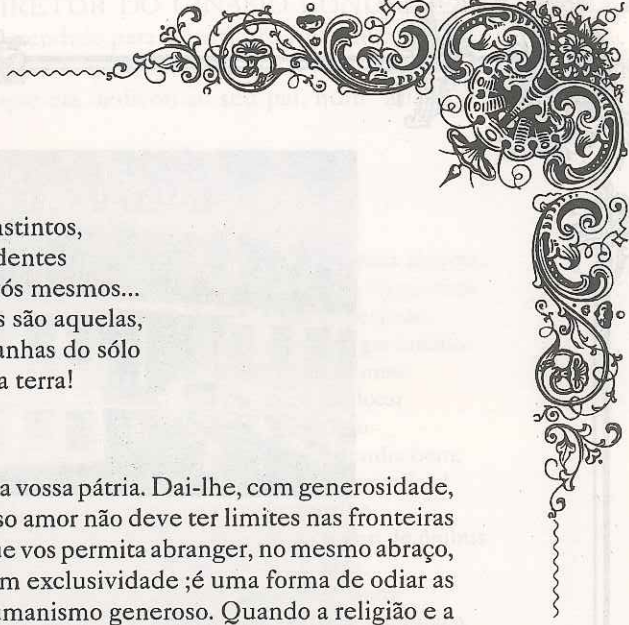
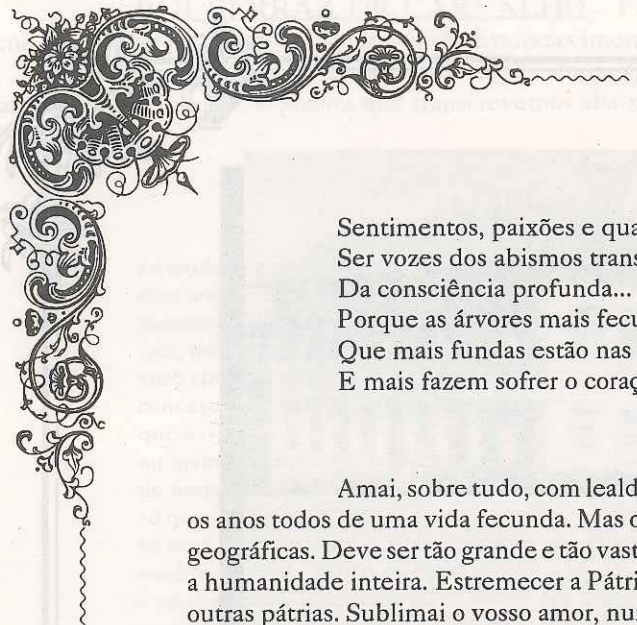
Não vos desinteresseis nunca dos problemas da vossa pátria e da vossa época. A indiferença seria uma deserção, um ato de covardia moral. No campo intelectual, aí está, para exemplo, a magna questão da educação do povo, desafiando a inteligência e o tino dos bons brasileiros. Existem, no Brasil, mais de sessenta por cento de analfabetos. O ensino secundário e superior continua sendo privilégio de uma minoria abastada, opondo, dessa forma, restrições à liberdade de trabalho, que as leis asseguram aos indivíduos.

Na esfera econômica, sente-se uma clamorosa injustiça na distribuição da riqueza. É chocante o contraste entre a abundância de poucos e a penúria de muitos. Não procureis, entretanto, a solução do problema, na utopia de uma igualdade, que mata a iniciativa e a lição da natureza repele, no espetáculo contraditório dos dias e das noites. E, se a limitação dos bens da fortuna é uma tese muito avançada para a nossa era, que se limite, ao menos, por uma assistência efetiva, por parte do Estado, a miséria em que se arrasta a vida da maior parte do povo.

Se viver é, mais do que um direito, um dever do cidadão, a fim de contribuir, com a sua parcela de esforço, para o bem-estar coletivo, cumpre ao Estado, por sua vez, assegurar, ao indivíduo, condições de saúde e decência, e não abandoná-lo à mercê das generosidade alheia. Contribuí, com a vossa dedicação, para a redução da mortalidade infantil, para a elevação do nível de vida e de cultura do nosso povo, a fim de que quarenta milhões de brasileiros, fortes, sadios, satisfeitos, instruídos, possam pelo futuro em fora, carregar, em triunfo, este Brasil nos braços.



Serví, com dignidade, a vossa época. A vida só é bela e vale a pena de ser vivida, quando a dignificamos com o cumprimento exato dos deveres para com a família, a pátria e a humanidade. Os homens dignos fazem grandes os povos e as pátrias nobres. Sem dignidade, a pátria deixa de ser pátria, para tornar-se uma simples expressão geográfica. Os homens, então não sobem, para atingir, pelo mérito, as culminâncias dos cargos administrativos. São os cargos que descem, desprezando os valores reais, até a mediocridade dos indivíduos.



Sentimentos, paixões e quase instintos,
Ser vozes dos abismos transcendentés
Da consciência profunda... ser vós mesmos...
Porque as árvores mais fecundas são aquelas,
Que mais fundas estão nas entranhas do sólo
E mais fazem sofrer o coração da terra!



Amai, sobre tudo, com lealdade, a vossa pátria. Dai-lhe, com generosidade, os anos todos de uma vida fecunda. Mas o vosso amor não deve ter limites nas fronteiras geográficas. Deve ser tão grande e tão vasto, que vos permita abranger, no mesmo abraço, a humanidade inteira. Estremecer a Pátria, com exclusividade ;é uma forma de odiar as outras pátrias. Sublimai o vosso amor, num humanismo generoso. Quando a religião e a moral mandam amar o próximo, não distinguem raças ou nacionalidades. O próximo será sempre aquele que precisar do vosso amparo e conforto. Ele está em todas as pátrias, em todos os recantos da terra, contemplando, como vós, as mesmas estrelas: recebendo, como vós, a luz e o calor do mesmo sol; vivendo, como vós, sob a vastidão azul de um mesmo céu.

Baní, dos vossos corações, o sentimento de ódio, que não eleva, não constrói, não congrega; mas avilta, mas destrói, mas desagrega as criaturas. Só o amor imaculado, tolerante e bom; só o amor compassivo e infinito, que gemeu com Cristo no Calvário; só êle poderá unir os homens, aproximar as Pátrias e harmonizar os povos; só êle poderá salvaguardar as excelências da civilização cristã e orienta a humanidade sofredora para destinos melhores e mais dignos.

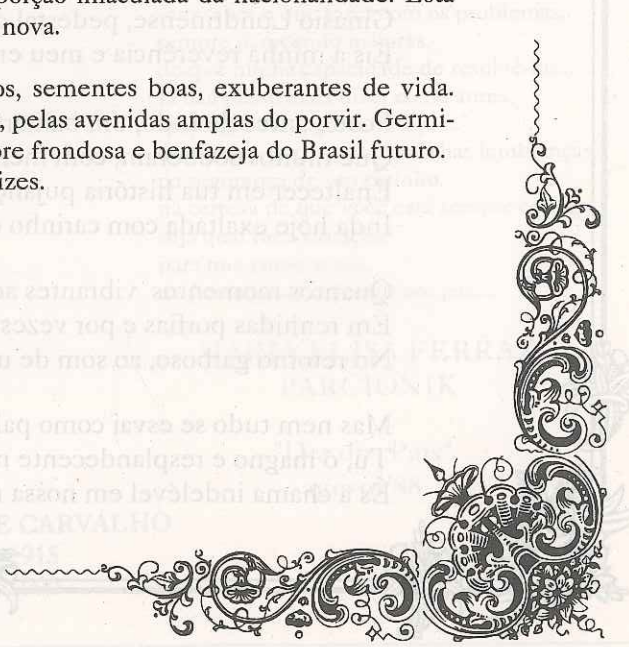
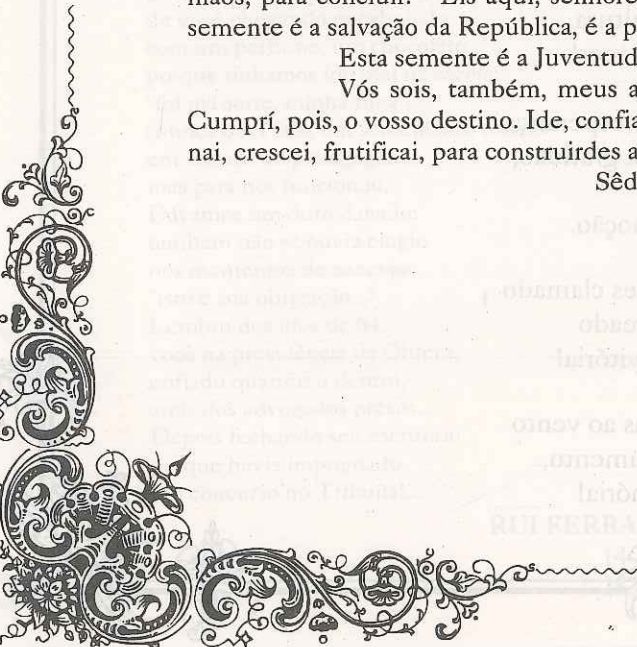
Senhores licenciados:

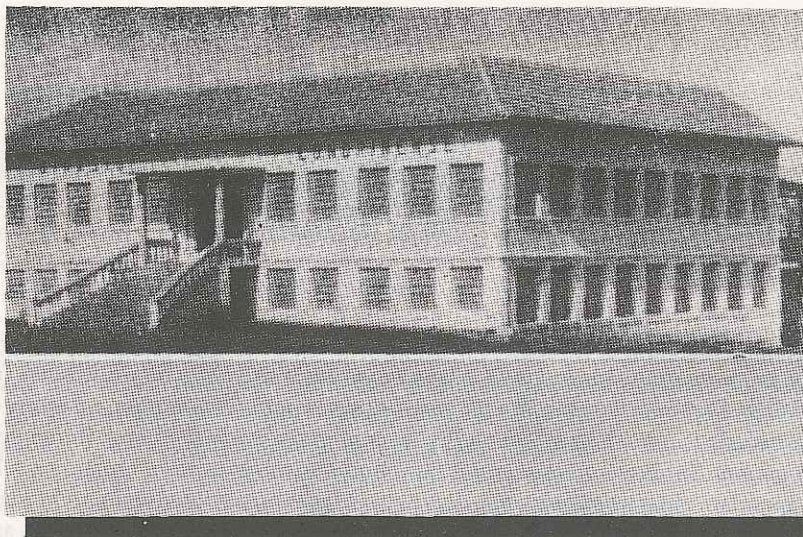
Contam que a velha pátria de Homero debatia-se, em certo momento da sua história, por salvar-se do aniquilamento, que a ameaçava. Sábios e estadistas, em assembléia, discutiam, em vão, medidas que debelassem a crise, quando surge Demóstenes, com um fruto podre na mão, e diz, para o auditório, que a pátria helênica estava, de fato, apodrecida como o fruto, que trazia. Mas nem tudo estava perdido. Como naquele fruto, havia, na Grécia, uma porção imaculada. E, atirando ao chão o fruto apodrecido, dele saltou uma semente fresca e cheia de vida, que o orador tomou nas mãos, para concluir: - Eis aqui, senhores, a porção imaculada da nacionalidade. Esta semente é a salvação da República, é a pátria nova.

Esta semente é a Juventude!

Vós sois, também, meus amigos, sementes boas, exuberantes de vida. Cumprí, pois, o vosso destino. Ide, confiantes, pelas avenidas amplas do porvir. Germinai, crescei, frutificai, para construídes a árvore frondosa e benfazeja do Brasil futuro.

Sêde felizes.





1941 - 1989 - 48 anos

"GINÁSIO LONDRINENSE"
Jair Gomes

Fui visitá-lo e não pude revê-lo. Mas, por alguns momentos,
senti naquele vazio pujante presença!"

Imponente imagem de um passado que perdura
Na vívida lembrança de quem buscou o saber,
Ginásio Londrinense, pedestal de cultura,
Eis a minha reverência e meu enternecer!

Foste, antes de tudo, um baluarte de esperança
Que muitos souberam, com merecida gratidão,
Enaltecer em tua história pujança
Inda hoje exaltada com carinho e emoção.

Quantos momentos vibrantes ao seres clamado
Em renhidas porfias e por vezes laureado
No retorno garboso, ao som de uma vitória!

Mas nem tudo se esvai como palavras ao vento
Tu, ó magno e resplandecente monumento,
És a chama indelével em nossa memória!

RUI FERRAZ DE CARVALHO - Foi DIRETOR DO GINÁSIO LONDRINENSE desde a sua fundação, de 1940 até 1946, quando aquele Estabelecimento foi vendido para o Instituto Filadélfia.

Dr. Rui faleceu em Curitiba. Após sua morte, MARIA ELISA FERRAZ PARCIONIK, sua filha e poeta paranaense, enviou-nos o poema que transcrevemos abaixo, e que ela dedicou ao seu pai, num "Dia dos Pais", do ano de 1988.

LEMBRO DE VOCÊ, MEU PAI

eu ainda bem pequenina,
com um medo terrível do escuro,
chamando por você de noite:
"pai, por favor, venha aqui..."
você chegava sempre,
com este jeito manso,
que é o seu até hoje...
eu inventava uma desculpa,
de fome, frio, sede,
só queria mesmo saber
se você estava por ali...
você me cobria, me aconchegava,
e na segurança de seu carinho
eu voltava a dormir em paz...

Lembro também de sua voz grave,
na hora da gente dormir,
lendo para nós Monteiro Lobato,
os contos de Andersen,
recitando poesias...
lembro do meu orgulho
ouvindo pelo rádio
seus impecáveis discursos
na Câmara dos Vereadores...
Lembro dos finais de tarde,
nós sentadas na varanda,
esperando você chegar.
Depois das eleições, a casa repleta,
a vinda para Curitiba,
você na Assembléia:
brigando com a corrupção,
se desiludindo com os homens.
Em seguida, você longe e doente;
as cartas lindas, vindas do hospital,
que a gente guarda até hoje.
Foi um tempo de angústia, aquele,
tempos nervosos...
Lembro sempre e acho graça,
de você chegando encabulado,
com um perfume, um chocolate,
porque tínhamos ido mal na escola:
"foi má sorte, minha filha".
(nunca ouvi falar em semelhante teoria
em termos de pedagogia...)
mas para nós funcionou.
Dávamos um duro danado:
também não se ouvia elogio
nos momentos de sucesso:
"isto é sua obrigação..."
Lembro dos idos de 64,
você na presidência da Ordem,
enfiaido quartéis a dentro,
atrás dos advogados presos...
Depois fechando seu escritório
porque havia impugnado
um concurso no Tribunal...

E não ganhou mais causa alguma...
Lembro você, saindo do governo
porque seu partido desfizera
a coligação com o do governador.
Na hora não entendemos:
Você foi o único a colocar
seu cargo à disposição.
Ali também não entendia bem,
porque você ia no carro oficial
a caminho do trabalho
e eu plantada no ponto de ônibus
atrasada para a escola,
e nunca me levava junto.
Precisei crescer mais um pouco,
para poder entender,
seu pavor às mordomias,
seu respeito à coisa pública...
Lembro bem de um colega,
já mais recentemente,
chegando prá mim intrigado,
"encontrei seu pai no ônibus..."
- Se bem o conheço, respondi,
não estava a serviço do governo,
mas teria ido atender algum assunto particular...
Dito e feito, era isto mesmo.
Sabe, pai, você virou raridade...
São tantas as lembranças nossas,
seu exemplo de vida,
nossa herança maior.
Hoje procuro seguir seus passos,
sem a grandeza de sua alma:
esta não conseguí alcançar.
E sabe, pai, ainda hoje,
mulher feita, independente,
acordo no meio da noite,
não mais com medo do escuro
mas assustada com o rumo do mundo
onde meus filhos vão viver,
sem saber o que fazer com os problemas,
sempre parecendo maiores,
do que minha capacidade de resolvê-los...
Já não posso mais dizer como antes,
"papai, por favor, venha aqui..."
mas busco forças nestas minhas lembranças,
na segurança de seu carinho,
na certeza de que você está sempre comigo,
seja qual for a situação,
para que como antes,
eu possa voltar a dormir em paz...

MARIA ELISA FERRAZ
PARCIONIK

"Dia dos Pais"
- agosto/88

RUI FERRAZ DE CARVALHO

14 - 01 - 1915

25 - 10 - 1990

RECORDANDO

Silvandira Ferrarese De Almeida

Começava o mês de janeiro do ano de 1941. Sem saber bem o que queria, fui levada para fazer o Admissão ao Ginásio.

Uma sala de 10 a 12 alunos, um professor.

Cada dia chegavam mais alunos, um dia um, outro dois, às vezes três.

Foi assim que se formou a 1ª turma do Curso de Admissão ao Ginásio Londrinense.

Fizemos os exames e começamos o 1º ano. As simpatias, as amizades começaram devagarinho. Um dia a dia vivendo as mesmas dificuldades, as mesmas alegrias, as mesmas ansiedades.

Londrina crescia e eu com ela.

A amizade que surgiu consolidou-se nesses quatro anos de convivência, de tal forma que nem a distância, nem o tempo, nem as saudades conseguiram desfazer.

Ao completar esses 50 anos, as lembranças me levam a pensar, com carinho e com saudades, naquele começo de ano, como se aí, começasse a minha vida.

Silvandira é professora formada pela Escola Normal de Londrina, no ano 1946.



"50 ANOS"

Manoel Garcia

É difícil de iniciar, pois são 50 anos de muitas razões de ser e de viver.

O pensamento volta lá atrás, com meus pais, imigrantes espanhóis, José Garcia Maria e Dolores Pombo Garcia que, com garra, trabalho, ah!... muito trabalho, pois acreditaram na terra, cor da terra, na terra de exemplo do crescimento da natureza e da vida.

O resultado de todo esse trabalho, na condição de filho desses espanhóis, foi ir estudar no Ginásio Londrinense onde, com certeza, o estudo poderia ser comparado às escolas européias.

E é desse grandioso Ginásio que ficou nossa grandiosa saudade de uma turma e, em especial, de alguns colegas que, além do ensino, levaram a amizade e o amor a unirem os corações, nas razões do viver de adolescentes, até hoje.

E há alguém que possa negar que, mesmo passados "50 anos", com nossas famílias formadas, eu, com a esposa dada de presente por "DEUS", 6 filhos todos graduados e 11 netos no início de suas vidas, ainda perdura a adolescência?

Acredito que todos de nós, pois é nessa comemoração dos 50 anos que nossas lembranças, nossas vidas se renovam e nos levam a continuar a vida, o tempo.. e porque não nos lembrarmos do grandioso poeta "Carlos Drummond de Andrade"?

O tempo passa? Não passa

O tempo passa? Não passa
no abismo do coração.
Lá dentro perdura a graça
do amor, florindo em canção.

O tempo nos aproxima
cada vez mais, nos reduz
a um só verso e uma rima
de mãos e olhos na luz.

Não há tempo consumido
nem tempo a economizar.
O tempo é todo vestido
de amor, e tempo de amar !

MANOEL GARCIA - Componente da 1ª turma de formandos do Ginásio Londrinense, em 1944 - Formado em Administração de Empresas.

LONDRINA, PARABÉNS !

Silvandira F. Almeida.

Despontavas para a vida em todos os sentidos, transbordando de graça. Desde o início foste corajosa, como corajosos foram todos aqueles que te buscavam e acreditaram em ti.

O ensino teve o seu grande papel. Começaram a surgir as pequenas escolas, poucas classes, públicas e particulares. Imponente surgiu o Grupo Escolar Hugo G. Simas. Sob a batuta de D. Mercedes Martins, tiveste dias de glória.

E o Ginásio Londrinense?

Como foste importante para os jovens que esperavam ansiosos pela oportunidade de continuar os seus estudos. Foi brilhante a iniciativa de teus fundadores e a garra dos jovens professores, que tudo enfrentaram com coragem e entusiasmo, dando o melhor de si.

Londrina, hoje é teu dia de festa. Completas 60 anos e contigo completam 50 anos de formatura os "Pioneiros do Ensino Secundário do Ginásio Londrinense".

Grande é a alegria por termos chegado até aqui e contigo vivido todos esses anos.

Deus assim permitiu e a Ele agradecemos pela vida, pelos anos vividos, pelas vitórias, pelas dificuldades.

Da Londrina menina, com ruas sem calçamento, das casas de madeira, ficou nossa lembrança gostosa da nossa própria juventude.

Londrina viveu e vive na lembrança e no coração de todos aqueles que por aqui passaram, De todos aqueles que, em diversas épocas e condições, contribuíram para o teu desenvolvimento. Das Pequenas escolas à Universidade, um longo percurso, um caminho de lutas e conquistas. 60 anos se passaram...

Parabéns pelo teu aniversário!

Que sejas contemplada pelas bênçãos de Deus e continues na tua caminhada de desenvolvimento e progresso.

FOLHA 2

Londrina, sexta-feira, 31 de junho de 1970

Elisabeth Elias, aluna da 4ª série do curso ginásial do Colégio "Mario de Andrade", obteve menção honrosa no I Concurso de Poesias ULES-FOLHA DE LONDRINA com seu trabalho "Ode à filha de Lord Lovat, única a abordar um tema regional, o desbravamento do Norte do Paraná.

ODE À FILHA DE LOVAT

I

Vejo. É a sombra de um lorde, amável, bigodudo;
tem carícias no olhar, tem a voz de veludo,
mas o pulso é de ferro e a vontade é granito.
O seu lema é vencer. Sua meta é o infinito.
"Cidades plantarei no coração da mata,
com mão firme hei de ver a natureza ingrata
ajoelhada aos meus pés. E neste Paraná,
o meu nome através das Eras viverá!"
Lorde Lovat... Após o teu sonho audacioso
quebrou-se da floresta o milenar repouso.

II

Foge a onça espavorida. A ativa perobeira
tomba, ao surto feroz da avançada pioneira,
Fôlhas em turbilhão... - lágrimas da floresta;
que se esvai a chorar. Os machados em festa,
as foices a cantar... E a imponente queimada
que força ir; a deter tão épica arrancada?
O Parapanama é transposto. E à sinistra,
vai rápido crescendo a luminosa listra:
Cambará... Andirá... Cada novo dormente
é como do progresso uma fértil semente.

III

Eis Cornélio Procópio além de Bandeirantes,
que fume de distância h; nos trens fumegantes!
Já são vinte estações marcando a caminhada,
a figura de frei Timóteo é lembrada,
mas eis a ordem severa: "Avante! Sempre avante!"
Ó febre de conquista! Ó febre Bandeirante!
Aqui Jataizinho, a Princesa Esquecida,
dos ínvios do sertão sentinela perdida!
E no fim do horizonte a vista descortina
a planície sagrada: a sagrada Londrina!

IV

"Tivésseis vos detido aqui, desbravadores,
e às margens do Igapó encerrando os labores,
grande já fôra a proeza! Imensa a vossa glória,
tranquilos ficaríeis nos píncaros da História.
Mas insana é a ambição, a febre vos domina,
já não vos satisfaz a saga de Londrina.

Ide mais para a frente! Eu não, eu me contento
em aqui assentar de vez o acampamento.
Eu aqui ficarei refazendo a canseira,
serás meu templo, lar, escola, pão, trincheira!

V

Assim falou meu pai. E aqui firmando a tenda,
com a floresta encerrou vitoriosa a contenda.
Avenida traçou, plantou jardins e praças,
fês de Londrina um reino e o revestiu de graça.
Fumegam chaminés: é o progresso em constante
ameaça à indiferença azul do céu distante.
Bendigo a minha sorte e a emoção me domina:
como é bom ter nascido em teu chão, ó Londrina,
como é bom ver teu nome aclamado em arroubo
no Estado, no Brasil, na América e no Globo!

VI

Amo-te, flor de sol, luminosa Londrina,
teus hortos matinais, tua paz vespertina,
e as noites tropicais de encanto misterioso
que em minha débil lira eu exaltar nem ousou.
Amo a tua irrequieta, alegre mocidade
desde os jardins de infância até a universidade,
Capital do Saber! Quem te conhece louva-te,
tu que és filha imortal do imortal Lorde Lovat,
Terra de estudo, de trabalho, de oração,
a quem te oferta o suor jamais nega o pão.

VII

Deus! Se fiz algum bem nesta terra mofina,
se merece algum pago este amor por Londrina,
Se chega ao Vosso ouvido a oração que Vos faço,
dai-me, Deus, que ao tombar da morte o grande abraço,
aqui mesmo eu descanse, aos pés da Vossa cruz,
enquanto aguardo o prêmio a que no céu fiz jus.
E a Vossos pés voarei bendizendo esta sina:
a glória de cantar as glórias de Londrina.
Em Londrina eu amei os mandamentos teus.
porque Londrina, ó Deus! é um pedaço de Deus!

DO CAFEZAL AO PEROBAL... UMA HISTÓRIA A SER CONTADA

Paulina César Silveira

1940!

Foi quando conheci Londrina.

O trem de ferro, apinhadinho de gente na sua interminável fila de vagões-passageiros, resfolegava sobre seus trilhos que, por sua vez, descansavam nos intermináveis dormentes de madeira. E o Chefe do trem, uniforme azul marinho, bonezinho claro, onde se liam as letras "RVPSC" que significavam Rede Viação Paraná Santa Catarina, ia anunciando, a cada estação: Frei Timóteo, Cornélio Procópio, Cambará, Jataí, Ibiporã e, finalmente, Londrina.

...E o pátio todo da estaçãozinha ferroviária se atulhava de malas, peneiras, tachos, foices, enxadas, sacos, pacotes e todo um mundaréu de coisas que eram parte das mudanças que o povo trazia para a nova residência, para a nova vida, na nova cidade...

Num desses dias do mês de fevereiro, chegamos nós aqui. Minha mãe, minhas irmãs e eu, que nosso pai, com os filhos homens já viera antes, de caminhão, com o grosso da mudança. Para chegarem até aqui, atravessaram de balsa, o rio Tibagi onde meu irmão foi picado pelo pernilongo anofélis. Chegou já tiritando de febre, maleitoso, como acontecia com quase todos os que vinham pelo Tibagi.

Meu pai trazia no caminhão, além dos móveis, panelas e pratos, uma pequena tipografia e, no coração dele e de minha mãe, uma enorme vontade de trabalhar e de vencer.

Naquela época, corria por toda a parte a fama do Norte do Paraná e os boatos de que Londrina era um Eldorado onde o dinheiro corria fácil, tão fácil que se podia ajuntá-lo nas ruas, puxando-o com um rodo... e outras histórias fantásticas que criaram em torno desta terra roxa, tão exuberante e tão maravilhosamente prodigiosa.

Nem todos porém, vinham em busca do dinheiro que brotava da terra, como minas de ouro. Os verdadeiros pioneiros, os homens que verdadeiramente construíram esta cidade, trabalharam duro, derramaram gotas de suor que fertilizaram ainda mais a terra, fizeram o cafezal crescer, viscejar e produzir as sementes que eram como pingos de ouro, fazendo pender os galhos de folhas verdinhas!

Começamos a trabalhar na nossa gráfica, blocos de notas para os comerciantes, folhinhas, boletins, cartões, etc. Logo apareceram outros impressos e entre eles, um bem original: um "jornal escolar". Aqui, só havia um Grupo Escolar, o "Hugo Simas", e as professoras editavam mensalmente aquele pequeno jornal, com trabalhos dos alunos. Eram trabalhos muito bons, bem escritos, que bem revelavam, na cidade inculta, a preocupação das mestras em formarem os futuros cidadãos de Londrina. E por falar no Grupo Escolar, lembro-me das filas enormes que se formavam na porta da Escola, no início do ano letivo, para se conseguir vagas para as crianças... havia pais que levavam cadeiras e passavam até a noite, sentados, para não perderem a vez de matricular seus filhos. Depois, foram surgindo outras Escolas: a "Alemã", a "Japonesa", o 3º Grupo Escolar, lá na rua Mato Grosso. Quando os alunos concluía a 5ª série, (naquele tempo o primário ia até a 5ª série), faziam-se enormes festas, com quadros de formatura, bailes e tudo o mais. Era Londrina tentando se afirmar.

E os bailes? Havia dois clubes" o "Redondo", frequentado pela elite e o "Quadrado", para os frequentadores de classe média... Mas todos se divertiam, todos se alegravam na compensação do trabalho árduo de cada dia.

Havia um cinema, o "São José", que exibia nos finais de semana, os filmes do "Far-West", tão apreciados pelos adultos, jovens e crianças daquele tempo. E a sessão do "pão-duro"? Mulheres não pagavam ingresso, e era a oportunidade das moças mais simples e pobres se deliciarem com seus heróis cinematográficos.

O Comércio, ativo e movimentado. A "Casa Fuganti" era uma potência: vendia de tudo, desde móveis, fogões, tecidos, até instrumentos para a lavoura. Numa cidade que acabava de nascer, não podia faltar a "Casas Pernambucanas", ali, bem naquele lugarzinho onde está até hoje. Ferragens, era na "Minatti", e armazéns de secos e molhados se podiam contar uns 20 ou mais.

A igreja de madeira, branquinha, já estava pronta. Batendo o sino, todos os dias às 6 da manhã e às 6 da tarde, chamava os fiéis que, dobrando os joelhos, agradeciam aos céus pelo Sol que brilhava, pela chuva que molhava a terra, a terra que os estava enriquecendo!

E as árvores imensas, seculares, iam-se tombando, permanecendo deitadas no solo, até que as serrarias mandassem buscá-las... as serrarias que as transformavam em tábuas amarelinhas e avermelhadas que, por sua vez se transformavam em casas que eram pintadas de cores fortes, numa defesa contra a poeira e o barro que sujavam tudo.

A poeira fininha que se levantava como grandes nuvens e se assentava depois nos móveis, nas paredes, no chão, nas calçadas... e a mulherada limpando, sempre limpando, esfregando tudo, enchendo as calçadas, a frente das casas e os quintais de pó-de-serra que a criançada buscava nas serrarias. O pó-de-serra das mil e uma utilidades, que era usado também para aquecer os fogões dos pobres, ferver roupa; aquela roupa suja de barro, de poeira, de terra vermelha...

Se não era a poeira, era o barro pegajoso, liso, escorregadio. E porque a lama era um desafio aos que precisavam sair de casa, andar pelas ruas, inventaram os limpa-pés... quadrados de madeira com suportes para as mãos e com barras de ferro atravessadas pelo meio. Batizados com o nome de "Geme-Paulista"! Porque de todos os gentílicos que iniciaram a colonização desta região, os paulistas eram os que mais sofriam e reclamavam das "durezas".

Em cada porta, havia um ou dois. A gente ia andando e enchendo os sapatos de barro.... quando já não dava mais para se andar, parava-se em um aporta qualquer, para raspar o barro do pé. Ninguém brigava, ninguém xingava e nem reclamava porque alguém estava usando o seu limpador de pés; era o preço da solidariedade que irmanava toda uma cidade de gente destemida, dos pés vermelhos que pisavam o chão e que deixavam nele as poeiras do trabalho, do esforço, do progresso! Os "pés vermelhos" que marcaram uma época, definiram uma população e até, ditaram a moda... a moda das botas de couro, cano alto, que todos, homens e mulheres, usavam nas estações chuvosas e que davam às moças um jeito lindo de andar.

Em 1941 começou a funcionar a primeira Escola de Ensino Secundário. Era o "Ginásio Londrinense", construído para educar os jovens que moravam em Londrina, ansiavam por novos conhecimentos e não possuíam condições para estudar fora, em São Paulo ou Curitiba.

Entre as altas figueiras que estendiam seus galhos para dar sombra aos que passavam, o Ginásio Londrinense abriu seus ramos para ministrar o ensino e transmitir a cultura para uma plêiade de quase heróis. Como as sementes que se lançaram na terra norte-paranaense, essa Casa de Ensino germinou com força total, floresceu, frutificou e, para atestá-lo, Londrina conta hoje com o COLÉGIO LONDRINENSE, vitorioso, "CINQUENTA ANOS EDUCANDO LONDRINA".

Os anos foram se sucedendo... 1941... 1942... 1943...

Época de guerra para o mundo, de ditadura para o Brasil... Reinava um acendrado sentimento de civismo em todos os jovens e, cada um, era um soldado em potencial, pronto a dar a própria vida pela defesa da Pátria se ela assim o exigisse. No Ginásio os estudantes se inflamavam de patriotismo. As datas cívicas eram comemoradas com todo o ardor da juventude e o rigor dos mestres altamente compenetrados dos seus deveres. Realizavam-se desfiles escolares em todas as datas cívicas: 15 de Novembro, 7 de setembro, 10 de novembro, 21 de abril, no Dia da Bandeira, Dia do Soldado, sempre com o máximo de entusiasmo. O culto à Pátria era sagrado. Moços e moças prestavam continência à bandeira ao som do clarim e aos rufos dos tambores. As meninas declamavam poesias patrióticas e os hinos pátrios eram entoados com respeitoso fervor.

Época de guerra, a ditadura, de "salvo-conduto" para se viajar, de correspondência censurada, de reuniões proibidas e das filas quilométricas do "açúcar", da "farinha de trigo", "do pão", principalmente. Cada família tinha o seu cartão e, dependendo do número de familiares, era a quantidade de víveres a que tinha o direito de comprar, com o carimbo da polícia. Às vezes, a gente ficava sabendo que em algum sítio qualquer, podia-se comprar garapa ou rapadura, mais ou menos à vontade e, para lá íamos, em bando à vezes, a pé, comprar aquele "ouro doce" que enriqueceria por algum tempo, a alimentação da família.

Uma certa vez, um desses passeios quase acabou em tragédia, pois, no percurso de volta, uma tremenda tempestade desabou, flagrando 4 jovens estudantes que vinham carregadas de garapa e açúcar, que não resistiram a água da chuva, derretendo-se. As meninas, porém, conseguiram chegar vivas.

Em 1942, começaram a construir a Santa Casa de Londrina. Naquele tempo, Santa Casa de Misericórdia e, muitos casais de namorados iam para lá, aos domingos, passear e pular entre as vigas de madeira, mãos dadas, que lá era um bom esconderijo, onde seus pais nem desconfiariam que estivessem. É que naquele tempo, andar de mãos dadas com o namorado, era coisa feia, própria de gente sem princípios... Outro lugar, refúgio dos amantes, era o bosque. Abridados pelas grandes árvores, escondidos pelas fendas das enormes raízes, trocavam juras de amor, de amor verdadeiro, inspirados pelos poetas badalados na época, Olavo Bilac, Castro Alves, Guilherme de Almeida:

"Só quem ama pode ter ouvidos

Capaz de ouvir e de entender estrelas..."

"Cortinas muito alvas na vidraça,

Um canário que canta na gaiola,

Que linda vida lá por dentro rola..."

Hoje, aqueles amores não existem mais... viraram folclore, viraram lembranças quase apagadas, como apagados das lembranças foram o "flirt" e os passeios na Avenida Paraná. Os moços, parados nas laterais da rua, e as moças de braços dados, duas, três e até quatro juntas, andando de uma ponta à outra da rua, conversando, olhando para os rapazes que lhes faziam sinais, pedindo para acompanhá-las, quando elas os interessavam. Alí, era o ponto chique das moças solteiras... trajavam seus melhores vestidos godês, cheios de rendas, laços, etc. Sapatos modernos, comprados na "Casa Castro"; penteados lindos, com grandes rolos no alto da cabeça, ou em lindos rolinhos, caindo pela testa e laços de fita, também nos cabelos.

Falando-se no "footing" daquele tempo, como esquecer os tipos populares que marcaram os passeios do antigo "calçadão"? O "prefeito da Vila Nova", era um deles... analfabeto, usando um terno branco, sempre muito branco, ombros exageradamente largos, com aquele andar ensaiado e cadenciado que mais parecia um canguru. A pose e o andar, valeram-lhe o apelido, quando na verdade, a sua profissão era a de poceiro. Sim, poceiro e não posseiro, que furar poços era profissão honesta e rendosa, uma vez que, o privilégio da água encanada era só para os que moravam no centro da cidade, av. Paraná, Higienópolis, Ruas Mal. Deodoro, Mato Grosso. E as "granfinas", como ficaram conhecidas as irmãs que se vestiam magistralmente "empetecadas", com roupas elegantes, repletas de babados, rendas, fitas no pescoço e na cintura, laços, laçarotes, que farfalhavam ao andar ritmado das três... ponto batido pontualmente, todas as noites de sábados e domingos. Os "galãs" novatos na cidade, logo caíam de amores por elas e, enquanto durou o passeio na avenida, lá estiveram elas, no seu vai e vem.

E as quermesses? No pátio da igreja, festejando todos os santos: São João, São Pedro, Santo Antônio casamenteiro, a padroeira da cidade e todos os outros, de guarda, que era necessário angariar dinheiro para a construção da igreja grande e bonita, que ia se erguendo em volta daquela pequenina, onde se realizaram os primeiros casamentos e os primeiros batizados dos verdadeiros filhos da terra. Nas quermesses, os "correios elegantes" que, por brincadeira ou mesmo de verdade, os moços e as moças trocavam bilhetinhos com declarações de amor, tão em moda naqueles idos. No baú das recordações, encontrei há pouco, alguns desses cartões, que reli muitas vezes...

"Frio ou sol, frio ou calor,

Deixa-me ser teu amor".

Fulano

"Por você meu coração suspira dia e noite..."

"Meu coração por ti, gela..."

Meus afetos por ti, são..."

"Por você, sou capaz de engolir um guarda-chuva aberto".

1944! Londrina já não é mais a mesma.

Cresceu, ficou moça bonita e faceira!

As ruas, calçadas com blocos de paralelepípedo, bela praça ao lado da igreja, altar da Pátria no centro da praça, discursos inflamados nas datas nacionais, o "Cine Jóia", na Av. Rio de Janeiro, com

sessões diurnas e a moçada suspirando paixões, vendo filmes românticos como: "A ponte de Waterloo", "Pirata dos sete mares", "Sangue e Areia", "O morro dos ventos uivantes", protagonizados pelos galãs, lindos de morrer, Tyrone Power, Errol Flynn, Clark Gable... com mulheres que eram "uma uva", como Ingrid Bergman, Joan Crawford, Vivian Leigh, etc.

O prédio construído para a Estação Ferroviária, constituía obra de arquitetura monumental... O prédio da Associação Comercial, era uma beleza, bem no alto, a estátua de Mercúrio, deus do comércio conhecido pelo povão como a estátua do homem pelado que, de dedo em riste, proclamava a todos os que passavam: "ISTO É QUE É LONDRINA!".

Comércio fervilhando, construções surgindo a cada minuto, médicos, advogados, engenheiros, lavradores, operários, chegando... chegando... Londrina crescendo... crescendo...

E o Ginásio Londrinense, lá no alto da Quintino Bocaiúva, crescendo também, enchendo-se de novos alunos, preparando-se para diplomar a sua primeira turma de ginásianos. A festa foi no salão nobre da Associação Comercial. O paraninfo da turma, proferiu um magistral discurso, escrito para ser lido, ouvido e seguido até 50 anos depois, sem perder o sentido da realidade. Um aluno, orador da turma, também discursou, fazendo vibrar os presentes à solenidade, que o mestre a quem sempre imitou e seguiu foi o grande Rui Barbosa, "Águia de Haia", que emprestou seu nome ao Grêmio Estudantil, fundado naquele Educandário, por aquela turma de pioneiros. Depois, aconteceu o baile, a valsa dos formandos e a valsa da despedida:

"Adeus, amor, eu vou partir

Para as glórias do porvir"

... E o "porvir", chegou para todos eles.

Chegou e passou... "Tempora mutantur et nos mutamus in illes como bem lembrou, nestes dias, o nosso querido ex-mestre, Dr. Clímaco.

1994: 50 anos depois, curtindo a saudade daqueles que não resistiram aos embates do tempo, aqueles estudantes novamente se reencontram, não mais como colegas de classe, mas como amigos, mais que amigos, como irmãos.

E, lembrando ainda, o poeta da mocidade, Guilherme de Almeida, eles estarão repetindo:

"E por nós, na tristeza do sol posto,

Hão de falar-te as rugas do meu rosto

E não de falar-me os teus cabelos brancos..."

Só Londrina não envelheceu...

À semelhança da figueira que abriu seus braços, um dia, o grande perobal abriu clareiras na floresta e lá plantou uma Universidade, transformando a "A TERRA DOS HOMENS DE PÉS VERMELHOS", em terra de homens e mulheres cultos, de "cabeças feitas".

E o baile continua...

A história ainda não se acabou...

(Paulina César Silveira, Professora, formada em Pedagogia)

O ANDARILHO

Octávio Venturini

Não se pode imaginar o que vai na cabeça de um estudante ginásial. Há felizardos que conseguem a formação de seus filhos, induzindo-os à profissão, enquanto outros, já possuem uma família de graduados, sendo por isso, mais fácil o caminho a percorrer. Pode-se dizer que, paralelo a isso, há a seguinte trajetória: sair de um interior para outro, que é uma mudança aceitável, ou sair do interior para as capitais e, mesmo, o exterior, quando enfrenta lutas e até adversidades.

No meu caso, conheci-as bem. Saindo de Birigui, São Paulo, para residir na antiga Nova Dantzig, hoje Cambé, em 1940 só pude frequentar o ginásio, em Londrina, perdendo, contudo, um ano já cursado, na minha cidade. Porém, há compensações na vida. Alí encontrei a "turma", a turma de Cambé que, como eu, tinha que se deslocar até Londrina para a iniciação ginásial. Eram eles: Francisco, Tupan, Donadio, Claudimar, entre outros.

As dificuldades se somavam: terra vermelha de intensa poeira ou lama até o pescoço, cidade sem paralelepípedo, estradas com poeira até nas ventas. Com a devastadora geada de 1942, veio a pobreza, já que morávamos no sítio do Cafezal, perto de Rolândia e, por várias vezes, alcancei essa cidade a pé, assim como época de se vender ovos e melancia, usando carroça. Foi então que acabei sendo interno no Ginásio Londrinense, sempre com o surrado uniforme de brim cáqui.

Trabalho duro de um lado e o progresso explodindo do outro, viramos fazendeiros. Em 1949, meu pai teve o seu primeiro automóvel.

Findo o curso ginásial, não havia outra opção para continuar os estudos, senão sair de Londrina. Vi-me na capital de São Paulo, Av. Paulista, em pensão e cursando o científico, logo em frente. Veio o Exército, o C.P.O.R., no Campo da Portuguesa.

Breve passou o tempo e estava à frente do vestibular, na Escola Paulista de Medicina e, sendo do interior, encontrei melhores concorrentes, não conseguindo aprovação. Achei que no Rio de Janeiro, mais propriamente, Niterói, teria melhor chance e foi o que aconteceu, passando no vestibular em 1950 e formatura em 1955.

Para lá, Niterói, havia seguido Pedro Faria, de saudosa memória, e seríamos colegas, na Faculdade Fluminense de Medicina, já que fôramos em Londrina. Contudo, Pedro nos deixou prematuramente, ficando o seu vazio, bem como o de outros que mais tarde o seguiram, deixando-nos tantas lembranças.

Mesmo como acadêmico, casei-me e quando da formatura, trabalhava em três empregos. Houve época que voltei para Rolândia apenas por ano e meio, regressando ao Rio onde, durante o passar dos anos, associei-me em Hospitais e Casas de Saúde, sendo que mandei construir o primeiro Hospital de Duque de Caxias e, finalmente, uma clínica. Coisas da Medicina no Brasil. Isto faz-me lembrar das antigas cidades pioneiras que conheci no norte paranaense, com todas as suas dificuldades e precariedades.

De dois casamentos resultaram um filho do primeiro e uma filha, Juliana, do segundo. Com bom colégio e o pai Octávio graduado, não teve as dificuldades dele, sendo aprovada em quatro faculdades, estudando hoje, na Unicamp.

Nós somos todos uns andarilhos.

(OCTÁVIO VENTURINI - Reside na cidade do Rio de Janeiro. É médico, formado pela faculdade Fluminense de Medicina. No Rio, atualmente, possui uma Clínica Médica, onde exerce suas funções.)

TURMA 1943 - GINÁSIO LONDRINENSE

Caminhava a turma pioneira.

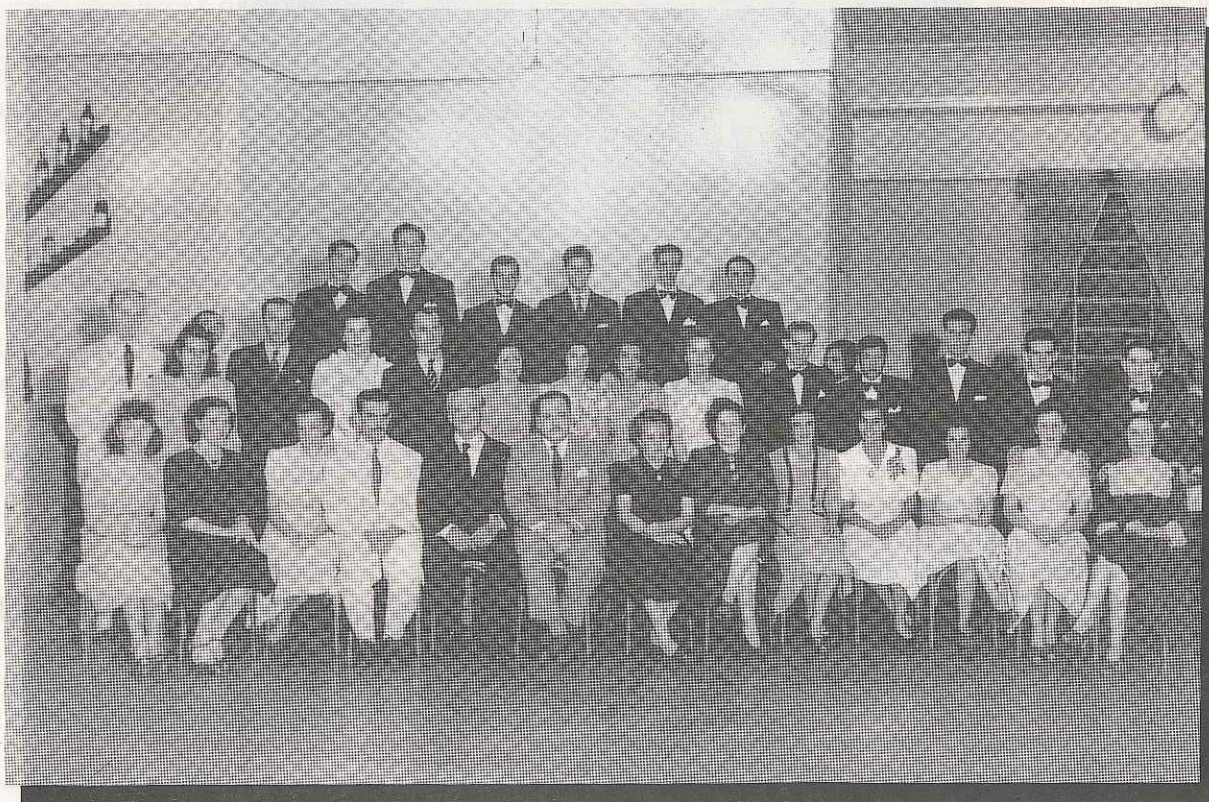
Paralelamente a ela, em 1942 e no ano seguinte, formava-se uma turma de alunos transferidos, que recebeu seu diploma em 1943.

Quis a sorte que dona Lenita guardasse uma fotografia dessa formatura, onde aparecem os formandos acompanhados de seus respectivos padrinhos e madrinhas.

Esses alunos foram das primeiras turmas que terminaram o Curso Ginásial em 4 anos, pois até então, 1942, esse curso era feito em 5 anos.

A fotografia em destaque será entregue ao Museu Histórico "Padre Carlos Weiss" e, estas linhas, são nossa homenagem a esses valorosos colegas contemporâneos. Formaram essa classe, porquanto suas famílias para cá vieram em busca do famoso Norte do Paraná, mas já haviam iniciado o curso ginásial em outras cidades.

Formavam uma turma simpática, dedicada e amiga.



São eles, da esquerda para a direita:

- 01 - Milton Gaveti
- 02 - Adalberto Vieira
- 03 - Paulo Gonçalves
- 04 - Jairo Taborda Ribas
- 05 - Aldair Guimarães
- 06 - Nelson Porto Leite
- 07 - Bil Alcino Brun
- 08 - Izumi Nishikawa
- 09 - Mauricio Coelho Lima
- 10 - Anelio Vicceli
- 11 - Pedro Mora Castilho
- 12 - Joselia Marques
- 13 - Ana Silveira Cintra
- 14 - Wanda Claro de Oliveira
- 15 - Sofia Geisler (formada que não aparece na foto).

A todos eles, nossa homenagem, nosso carinho e nossa saudade.

FRANCISCA HOSKEN DE FARIA CASTRO



Nascida em 17 de fevereiro de 1896, filha de Jacinta Pinheiro Hosken e Francisco Hosken, Natural de Carangola, Minas Gerais,

Casada com o Dr. Jonas de Faria Castro.

Filhos: Dr. Jonas de Faria Castro Filho e Maria Helena de Faria Castro.

O casal morou, até 1935, em Carangola onde, além de exercer a profissão de médico, Dr. Jonas foi um entusiasta da educação. Fundou lá, o primeiro Ginásio da cidade.

Ao chegar em Londrina, em março de 1936, ambos se aperceberam da necessidade de uma Escola de ensino secundário, também nesta cidade. Com a experiência que traziam, construíram, a duras penas, o prédio onde, em 1941, começou a funcionar o Ginásio Londrinense.

Para chegarem a essa realização, enfrentaram e venceram as mais diversas dificuldades; na aquisição do espaço físico, na construção propriamente dita e na instalação oficial do Ginásio. Hoje, há 55 anos desse evento, a "Turma Pioneira" formada por esse Educandário, festeja o seu Jubileu.

Os componentes dessa turma, sentiram o desejo de prestar à dona Chiquinha, viúva do Dr. Jonas de Faria Castro, homenagem, sobremaneira bastante justa. Assim que, junto à CÂMARA MUNICIPAL, pleiteamos para ela, o título de "CIDADÃ HONORÁRIA DE LONDRINA".

Nossos edis, entendendo o quanto de grandioso ia nesse empenho, prontamente aprovaram o projeto apresentado pelo nobre Vereador TERCILIO TURINI, A 10 de dezembro de 1994, em sessão solene da Câmara, FRANCISCA HOSKEN DE FARIA CASTRO receberia a tão dignificante honraria, a que fez jus por ter sido companheira do DR. JONAS DE FARIA CASTRO, portanto, co-fundadora do GINÁSIO LONDRINENSE.

Porém, os desígnios de Deus são superiores ao planejamento dos homens...

A 18 de setembro de 1994, com 97 anos de idade, dona Chiquinha foi chamada para junto daquele que é o doador da vida que, por certo, resolveu homenageá-la antes de nós.

Seus filhos receberão por ela o documento honorífico que resgata mais uma página da memória de Londrina. Mas... a sua cadeira estará vazia...

O GINÁSIO LONDRINENSE PASSA A INTEGRAR-SE AO INSTITUTO FILADÉLFIA DE LONDRINA

O médico Jonas de Faria Castro e o advogado Ruy Ferraz de Carvalho criaram uma Sociedade de caráter jurídico, a "Faria Castro & Cia", com o objetivo de implementar o ensino. Em 1939, adquiriram um terreno da Cia. de Terras Norte do Paraná, situado à Rua Santos, onde foi construído o prédio destinado ao funcionamento do Ginásio Londrinense, a primeira escola a oferecer o curso ginasial na cidade de Londrina e região.

Funcionavam também na cidade, no porão do edifício da Associação Comercial, os cursos Comercial Básico (1º ciclo) e o Técnico de Contabilidade (2º ciclo) pertencentes a Hipólito Nogueira Porto. Durante uma inspeção federal realizada por Otávio Rudge Maia, foram constatadas irregularidades no funcionamento dos cursos, ocasionando transferência deles para o Ginásio Londrinense

Em fins de 1946, o Ginásio Londrinense foi vendido ao Instituto Filadélfia de Londrina, Sociedade de caráter jurídico, criada pelo professor e reverendo Zaqueu de Melo, em 1945. Essa sociedade visava a formação de "obreiros evangélicos e o ensino formal". A primeira iniciativa foi a instalação de um internato que funcionava onde se encontra hoje o Instituto Seminário Bíblico de Londrina. O professor Zaqueu de Melo dirigia o internato, residindo no mesmo local com sua família, e, paralelamente, lecionava a disciplina de Português no Ginásio Londrinense.

O Ginásio Londrinense, escola organizada e estruturada por Jonas de Faria Castro e Ruy Ferraz de Carvalho, situado numa área de 14.058m² foi vendido ao Instituto Filadélfia, pelo valor de CR\$625.000,00 (seiscentos e vinte e cinco mil cruzeiros).

No sentido de levantar recursos para a aquisição do Ginásio, a Sociedade Instituto Filadélfia de Londrina reuniu-se em Assembléia Geral, em 11/11/46, para aprovar um empréstimo junto à Caixa Econômica Federal do Paraná no valor de CR\$ 600.000,00 (seiscentos mil cruzeiros), pedido este em tramitação naquele órgão. Referendado pela Assembléia, concretizou-se o empréstimo hipotecário pelo prazo de quinze anos, mediante a garantia do próprio imóvel.

A partir de 1947, a escola passou a ser administrada pela mantenedora Instituto Filadélfia de Londrina que, ao longo de sua História, organizou um sistema escolar abrangendo do jardim da infância ao ensino superior.

Tereza Canhadas Bertan

Profª do Deptº de Educação da UEL, e do CESULON

Faria Castro & Cia.

Recibo da compra do ginásio Londrinense pelo I.F.L.

Recibo

Cr.\$ 85.000,00

Recebemos, do INSTITUTO FILADÉLFIA DE LONDRINA, sociedade civil, representada pelo presidente prof. Zaqueu de Melo, a quantia acima de Cr.\$ 85.000,00 (oitenta e cinco mil cruzeiros), por conta do sinal de cento e vinte mil cruzeiros, relativo à venda do Ginásio Londrinense - Quadra nº 144, edifício e estabelecimento de ensino - ajustado pelo preço de Cr.\$ 625.000,00 (seiscentos e vinte e cinco mil cruzeiros).

Londrina, 6 de novembro de 1946

IN MEMÓRIAM

Dorothea P. Niewegloswski
Paulina C. Silveira

Nestes dias em que comemoramos os 50 anos de nossa formatura, com tantas festas e alegrias, como poderíamos esquecer aqueles colegas que não mais participam conosco, por se encontrarem em outra dimensão, chamados que foram para junto do Pai dos Céus?

Eles continuam na nossa lembrança.

PEDRO - Figura simples. No entanto, dotado daquela simplicidade que atraía a todos indistintamente.

Por sua simpatia e porte vistoso, com poucos anos a mais que seus colegas, no convívio escolar sobressaía-se como um líder inato. Essa liderança, exercia-a com fidelidade em todos campos escolares: como presidente do GLERB, sessões cívicas, desfiles, esportes e campanhas sociais, companheirismo.

Terminando a fase ginásial, procurou o nível superior, Medicina, em Niterói. Mas em meio ao curso o perdemos, num sinistro acidente aviatório. Restou-nos a saudade, na lembrança da sua marcante personalidade, simpatia e inquestionável exemplo.

CLAUDIO - Desajeitado, alto, claro, se não surpreendia por aplicação ou comportamento, entretanto surpreendia por sua pronta, aguda inteligência e memória invejável. Poemas, os mais complexos e longos, tinham para ele um alcance imediato, memorizando-os em reduzido tempo, bem como não lhe era mistério o intrincado da matemática e demais matérias.

Formou-se em Engenharia Civil, exercendo-a ao longo da vida.

Na lacuna deixada por sua morte é sempre lembrado também por sua modéstia e na excelência do coleguismo.

IOCHIAL - Diz-se que "o mínimo tijolinho é importante numa construção". Assim foi Iochial. Aluno normal quanto aos estudos e como todos os de sua raça, sobressaiu-se por suas aptidões e conhecimento matemáticos. Isso o levou, na vida profissional, a exercer alto nível no campo bancário.

Entretanto, esportista por excelência, brilhou no basquete, entre os demais esportes escolares.

Dedicado à arte fotográfica, através dela devemos a ele gratas recordações dos tempos passados, em nossos reencontros.

Como bom colega e aluno, foi o "tijolinho" imprescindível na construção da completa união da turma que ora o relembra com muita saudade.

RUBENS - Com sua jovialidade animada, folgazã, irrequieta, era o aluno que emprestava ao ambiente às vezes monótono da sala de aula, o instante providencial para a descontração criando, por vezes, complicações atrapalhantes com relação ao professor, numa aparente ingenuidade.

Destreza não lhe faltava para os infundáveis acrósticos ofertados aos colegas.

Formando-se posteriormente em Engenharia Agrônômica, conservou esse alegre relacionamento, quando das reuniões comemorativas da turma.

Discursos, entrevistas, marcaram-lhe, então, a personalidade.

Perdemo-lo um tanto prematuramente. Na linguagem silenciosa da alma, evocamo-lo tristemente.

HIRONAKA - Alunos há que se sobressaem por serem comportados, "quietinhos". Assim foi Hironaka.

Embora sentado ao lado do Agenor, não "tão comportado" e entre um grupo de colegas não "tão quietinhos", não se deixou contaminar.

Todos relembram o seu grande dom para o desenho primoroso. Ofertou-os aos colegas, que os conservam, tendo complementado em desenho, um belo poema escrito por Dr. Rui, sobre o crucifixo.

Era ligado à turminha que freqüentava o rio Cambezinho, de onde tiravam peixes com peneiras!... Como bom descendente de japonês é sempre lembrado por engoli-los crus, ali mesmo.

Faleceu muito jovem e é na sua figura juvenil que o lembramos saudosos.

LÁZARO - Lembramos de você, também "quietinho", marcando diariamente a sua presença calma e tranqüila, participando às vezes, das nossas brincadeiras, dentro e fora da classe.

Também partiu muito cedo, vitimado por enfermidade dolorosa.

A esposa de Lázaro tem-no representado sempre, em nossos encontros. Na nossa saudade, permanece vivo.

HAROLDO - Alto, moreno, bonitão, era um grande esportista. Em todos os campeonatos em que participaram os nossos esportistas, estava sempre alegre, pronto a trazer mais uma vitória para a nossa equipe invencível.

Terminando o Ginásio, Haroldo foi continuar seus estudos em São Paulo e por lá ficou. Nunca pudemos trazê-lo para os nossos reencontros, pois não sabíamos onde morava.

Só depois de sua morte, tivemos notícias dele e de sua família.

Mas nunca esquecemos nosso querido esportista.

LEDA - Fez parte da 1ª turma, até 1942. Lembramos de você, pequenina, delicada e muito estudiosa.

A morte tirou-a da nossa convivência, muito cedo. Nas nossas recordações, você continua presente.



Ao longo destes 50 anos que nos separamos, desde nossa formatura, perdemos também, nossos queridos ex-mestres; Victorino Gonçalves Dias, Moacyr Teixeira e Rui Ferras de Carvalho.

Maurício Coelho de Lima e Célia Gonçalves Vicente, que eram secretários do Ginásio e que conosco formaram um elo de amizade e companheirismo, também partiram, deixando saudades, muitas saudades.



Por último, há 3 meses apenas, perdemos dona Francisca Hosken de Faria Castro, quando já preparávamos para ela, uma grande homenagem - o Título de Cidadã Honorária de Londrina.



A todos, ex-mestres, ex-colegas, ex-amigos e dona Chiquinha, queríamos prestar homenagem póstuma, que dissesse da nossa saudade e falasse do grande vazio que deixaram entre nós. Essa homenagem, foi possível prestar-lhes, graças ao Vereador, Dr. TERCÍLIO LUIZ TURINI, que junto à CÂMARA DE VEREADORES, abraçou a nossa causa, apresentando projetos que, aprovados, tornaram-se LEIS, emprestando-lhes os nomes a ruas do Município de Londrina, em bairros que começam a se formar e a crescer.

Estamos alegres, sabendo que esses nomes sempre serão lembrados e repetidos por aqueles que, de uma maneira ou de outra, passarem por aquelas ruas.

Damos a seguir, a localização dessas ruas e a Lei que as nominou:

LEI 5.845 - 20/07/94 - Denomina MOACYR TEIXEIRA, uma via pública do Loteamento "Terra de Santana "2". Projeto-lei 193/94.

LEI 5.846 - 20/07/94 - Denomina CLÁUDIO DAMIANO STASIAK, uma via pública do Loteamento "Terra de Santana "2". Projeto-lei 194/94.

LEI 5.847 - 20/07/94 - Denomina RUBENS CARLOS DE JESUS, uma via publica no Loteamento "Terra de Santana" "2". Projeto-lei 197/94.

LEI 5.861 - 22/08/94 -

Denomina RUI FERRAZ DE CARVALHO, uma via pública do Loteamento "Terra de Santana "2" e do " Jardim Portal de Versalhes III". Projeto-lei 202/94.

LEI 5.862 - 22/08/94 - Denomina PEDRO FARIA, uma via pública na "Gleba Fazenda Palhano". Projeto-lei 202/94.

LEI 5.879 - 12/09/94 - Denomina HAROLDO DE FREITAS, uma via pública no Loteamento "Jardim Império do Sol". Projeto-lei 264/94.

LEI 5.880 - 12/09/94 - Denomina IOCHIAL KAWAISA, uma via pública no Loteamento "Jardim Império do Sol". Projeto-lei 266/94.

LEI 5.889 - 14/09/94 - Denomina LEDA COUTINHO GOMES, uma via pública no Loteamento "Jardim Império do Sol". Projeto-lei 265/94.

LEI 5.890 - 14/09/94 - Denomina TAMURO HIRONAKA, uma via pública no Loteamento "Jardim Império do Sol".

Os demais decretos, nominando ruas:

LÁZARO JOSÉ CARIA DE SOUZA - no Conjunto Habitacional Semírames Barros Bragavictorino Gonçalves Dias, no Distrito de Paiquerê - PROFA. CÉLIA GONÇALVES DIAS, no Conjunto Habitacional Milton Gavetti, MAURÍCIO COELHO DE LIMA, no Conjunto Residencial Santa Rita IV, já são mais antigos. Nossa homenagem será a de passarmos às mãos dos seus familiares as placas alusivas ao fato.



Em sessão Especial a nós oferecida pela Câmara de Vereadores e pela Prefeitura de Londrina, às 16:00hs do dia 10 de dezembro, os familiares desses homenageados, receberão a placa simbólica, dessas ruas respectivas.

Nosso desejo é que com essas placas, estejamos prestando àqueles que partiram, o nosso preito de saude.

Agradecemos à CÂMARA DE VEREADORES DE LONDRINA, pela grandeza do privilégio que nos conferiu.

Agradecemos ao nobre Vereador TERCÍLIO LUIZ TURINI, pela delicadeza do gesto e pelo carinho da homenagem.

2.004 - SONHO OU REALIDADE.

Kilda do Prado Gimenez

Acordo agitada! Estamos a 10 de dezembro de 2.004!

... Dez anos se passaram!!!

___ Alô, Silvandira. Alguém já se comunicou com você?

___ Sim. Ontem à noite. Eny e Izaurino ligaram. Já estão na cidade. Eny, lembrando a poesia que escreveu há dez anos, com voz rouca e um pouco cansada, foi falando do outro lado:

"Se não fosse a teimosia da comissão de meninas,
que teima em lembrar, a cada ano, o passado..."

Também vieram Milton e Ruth. Esta, foi logo dizendo:

___ Até quando? ao que lhe respondi:

___ Na Terra, Ruth, creio, será a última.

___ Ainda bem... disse ela.

Ah!... também .ligaram Francisco e Beth, como sempre, atenciosos e pontuais. Agenor e Rutinha já telefonaram daqui, e também o Ananias, que veio só.

___ Bem, Silvandira, qualquer novidade, torno a ligar para você. Agora vou à cabeleireira preparar-me para o almoço. Ah! ia-me esquecendo... Recebí notícias do Abrahão que está na Valderez. Veio só. Que pena, não? Otávio chegou de manhã.

Beatriz, filha da Esmeralda veio trazer a mãe.

Surpresa, gente! Horácio e Mário virão agora. Eles não sabem o que perderam não vindo aos nossos encontros de 20, 30, 40, 45 e 50 anos. "Antes tarde do que nunca, concordamos.

Acabam de ligar, Tupã e Lola.

Ligo à Paulina.

___ Sabe, Kilda, a Doro me ligou. Chega de manhã. Vem só e se hospedará no Hotel Coroados, na Rua Souza Naves. Naquele "hotelzinho, como ela diz. É pequeno, aconchegante, não fica caro...". Ela detesta dar trabalho às colegas... Como se desse!...

___ Que prazer sentimos em recebê-la em nossas casas, não é, Paulina?

Maria Luiza já está em casa da Dulce. O Jair também veio e está na casa da irmã, dona Dalva.

Os da região estarão para a hora do almoço: Manoel, Albigino e Maria, Claudimar, Gumercindo, Dulce e Celma. Circe acaba de chegar e, confirmaram presença os professores, Dr. Joninhas, Dr. Clímaco, Antonio Corrêa, dona Ruth De Múzio e Otávio Santos.

Dulce, como sempre, preocupada com o almoço... tudo terá que ser muito fino, inclusive as sobremesas. Nada de assados!

Silvandira sugeriu uma boa canja para o jantar. Olha a idade nossa!... Será só um almoço e lanche mais tarde.

Kildinha, minha filha, Márcio, Eneida e Maria Ignês, filhos da Silvandira, serão relações públicas de nossa festa. Desta vez, pouparemos o Ezequiel, que tanto nos ajuda sempre. Desta vez, sua missão será a de conversar com os visitantes. Deve estar cansado, não é, Ezequiel?

Todos reunidos. Muitos risos, muita lágrima furtiva teimando em correr pelas nossas faces. Ouve-se um violão tocando e, os acordes de...

"Pelo sim, pelo não,
trago esta canção,
prá dizer sem rodeiôs,
coisas do coração!

Vim matar as saudades,
e também lembrar
os momentos felizes
que tivemos neste lugar..."

Quanta inspiração, querido Jair e, quanta saudade.
Novamente relembro as palavras da Eny:

"Mas não se entregam as meninas
e novamente aqui estão
aqueles que conseguiram chegar
para se abraçar..."

As lágrimas despencam e, olhos perdidos sonham com um passado distante. Recordamos
Guilherme de Almeida, o poeta de nossa mocidade:

"Quanta gente que zomba do desgosto mudo
da angústia que não molha o rosto
e que não tomba em gotas, pelo chão,

Havia de chorar, se adivinhasse,
que há lágrimas que correm pela face
e outras que rolam pelo coração!"

Silvandira, Kilda e Paulina, a um canto, pensando...

___ Outro encontro? Apoio geral!!!

___ Quando???... Só Deus sabe!...

Sabemos que outra comissão de recepção estará à nossa espera, felizes todos pelo reencontro final.
Desta vez, nos antecederam...

Lá estão: Pedro, Heronaka, Lázaro, Iochial, Haroldo, Cláudio e Rubens... junto a eles, professores
Victorino e Moacyr e também o Dr. Rui.

A missão está cumprida...

Breve estaremos reunidos outra vez!...

Tem festa no céu!!!

Palavras de Agradecimento

Aqui está a nossa revista! Revista do Ginásio Londrinense ! Edição Comemorativa do nosso Jubileu de Ouro.

Ela é a portadora de nossas mensagens de amor, carinho, amizade e gratidão a todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram para o sucesso de nosso reencontro, 50 anos depois.

Queremos externar aqui, os nossos agradecimentos e eterna gratidão ao Instituto Filadélfia de Londrina que, através de seus diretores, tornou possível a realização de nosso ideal, colocando a nossa disposição os recursos humanos e técnicos da Instituição. Sem este dispensável apoio, não teríamos alcançado nosso objetivo de dar a Londrina, no seu aniversário de 60 anos, uma Revista que resgatasse a história da educação Secundária, iniciada aqui em 1941.

Não poderíamos deixar, neste momento de também fazermos um agradecimento, todo especial, à Equipe Técnica de Informática e Gráfica, responsáveis pela composição, montagem e edição da Revista, que com paciência, atenção e carinho sempre nos atenderam.

A todos vocês, do Instituto Filadélfia de Londrina, mais uma vez... Muito obrigado!

Pela turma pioneira do Ginásio Londrinense.

Kilda Gomes do Prado Gimenez.



Entidade mantenedora do:



Berçário Filadélfia



Filadélfia Júnior - Pré-Escola



Colégio Londrinense 1º e 2º Graus



Cursinho Filadélfia



Filadélfia Informática



CESULON

(Centro de Estudos Superiores de Londrina)



Fone (043) 324-6112 - Fax 324-6112
Londrina - Pr.